

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO MARANHÃO – UEMA
CENTRO DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIAS EXATAS E NATURAIS – CECEN
CURSO DE HISTÓRIA LICENCIATURA

**OS REINOS ANTIGOS DE KUSH, AXUM E CARTAGO EM ANÁLISE NA SALA
DE AULA: Uma análise a partir do livro didático TELÁRIS (2018) na Escola Municipal
Santo Antônio**

Leidaiane Santos de Sousa

São Luís /MA 2022

Leidaiane Santos de Sousa

OS REINOS ANTIGOS DE KUSH, AXUM E CARTAGO EM SALA DE AULA: Uma análise do livro didático TELÁRIS (2018) utilizado na Escola Municipal Santo Antônio/ Panaquatira (São José de Ribamar - MA)

Monografia apresentada ao curso de História do Departamento de História e Geografia da Universidade Estadual do Maranhão, como requisito para obtenção do grau de Licenciatura em História.
Orientador(a): Dra. Tatiana Raquel Reis Silva.

São Luís/MA 2022

Sousa, Leidaiane Santos de.

Os reinos antigos de Kusk, Axum e Cartago em sala de aula: Uma análise do livro didático Teláris (2018) na Escola Municipal Santo Antônio. / Leidaiane Santos de Sousa. – São Luís, 2022.

60 f.; il.

Monografia (Graduação) – Curso de História. Universidade Estadual do Maranhão, 2022.

Orientadora: Profa. Dra. Tatiana Raquel Reis Silva.

1. Ensino. 2. História antiga. 3. História da África. I. Título.

CDU 93/94:37 (=414/=45)

Leidaiane Santos de Sousa

**OS REINOS ANTIGOS DE KUSH, AXUM E CARTAGO EM ANÁLISE NA
SALA DE AULA: Uma análise a partir do livro didático Teláris (2018) na Escola
Municipal Santos Antônio /Panaquatira (São José de Ribamar – MA)**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao
Curso de História da Universidade Estadual do
Maranhão – UEMA, para obtenção de grau de
Licenciatura em História.

Aprovada em: 21/12/2022

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Tatiana Raquel Reis Silva - Orientadora
Universidade Estadual do Maranhão (UEMA)

Profa. Dra. Ana Livia Bomfim Vieira
(Arguidora) - UEMA

Profa. Dra. Sandra Regina Rodrigues dos Santos
(Arguidora) - UEMA

Agradecimentos

Primeiramente a Deus por mim auxiliar, fornecendo sabedoria e saúde para concluir a Pesquisa.

Aos meus pais Manoel Neto Sousa e Lucimar Sousa, a minha tia Antônia Sousa, a minha irmã Lucimara Santos e meu irmão Carlos Manoel Santos por investirem em mim e acreditar nos meus sonhos, dando todos os subsídios materiais e apoio emocionais durante esta jornada.

Ao meu Amor Josivan Rocha por ter estado presente em cada ciclo destes 4 anos. Sendo suporte nos momentos de dificuldade, me motivando a seguir e nunca desistir.

A minha orientadora Tatiana Reis pelo imenso cuidado e atenção durante todo o desenvolvimento da Pesquisa. Sendo uma amiga cordial nos momentos de correções e apontamentos necessários.

A Universidade Estadual do Maranhão pela rica oportunidade de cursar a presente graduação, e a todos os funcionários que contribuem para a minha formação e o pleno funcionamento do prédio.

Dedico o presente trabalho a minha irmã Kriss Jeane Santos por ser minha inspiração, a motivação para crescer profissionalmente e como pessoa.

Resumo

Esta pesquisa monográfica tange a respeito do Ensino de História Antiga dos povos Kush, Axum e Cartago em sala de aula aos alunos do 6º do Ensino Fundamental da Escola Municipal Santo Antônio - Panaquatira (São José de Ribamar). O Ensino de História Antiga tem uma enorme contribuição para os alunos do 6º que abrange tanto na vida escolar e também para a cidadania, especialmente aos afrodescendentes no processo de formação de identidades, e para a afirmação de uma historicidade africana sendo enaltecida desde a sala de aula, tal ação irá contribuir para a superação de preconceitos, reparação histórica com os Ensino de História dos povos africanos que somente através da Lei 10.639/2003 se tornou obrigatório o Ensino de História dos povos africanos. Para tanto o livro didático ainda é o principal material pedagógico utilizado em sala de aula e na maioria destes livros há um silenciamento da História dos povos Kush, Axum e Cartago no livro didático, se pretendeu observar a importância do livro didático para a aprendizagem dos alunos. Para se alcançar tais resultados foi realizada uma análise no livro didático Telaris (2018), e para avaliar a aprendizagem destes alunos a respeito dos povos africanos (Kush, Axum e Cartago) foi aplicado um questionário a respeito da importância da História, a relação com o livro didático, e a aprendizagem ou contato com os povos Kush, Axum e Cartago. A pesquisa revelou que há um silenciamento e minizamento da abordagem destes povos no livro didático o que reflete na aprendizagem dos alunos do 6º do Ensino Fundamental, sendo que 90% do público desconhece estes povos africanos. Devendo assim haver um comprometimento dos livros didáticos com o Ensino de História dos povos africanos na mesma medida e relevância de outros povos, e um comprometimento atuante no ensino destes povos por parte dos professores em sala de aula.

Palavras – Chaves: Ensino, História Antiga, História da África

Summary

This monographic research deals with the Teaching of Ancient History of the Kush, Axum and Carthage peoples in the classroom to students of the 6th of Elementary School of the Santo Antônio Municipal School - Panaquatira (São José de Ribamar). The Teaching of Ancient History has a huge contribution to the students of the 6th grade, which covers both in school life and also to citizenship, especially to Afro-descendants in the process of identity formation, and to the affirmation of an African historicity being praised from the classroom, such action will contribute to the overcoming of prejudices, historical reparation with the Teaching of History of African peoples that only through Law 10.639/2003 became mandatory the Teaching of History of African peoples. To this end, the textbook is still the main pedagogical material

used in the classroom and in most of these books there is a silencing of the History of the Kush, Axum and Carthage peoples in the textbook, if it was intended to observe the importance of the textbook for student learning. To achieve these results, an analysis was carried out in the textbook Telaris (2018), and to evaluate the learning of these students about the African peoples (Kush, Axum and Carthage) a questionnaire was applied about the importance of History, the relationship with the textbook, and the learning or contact with the Kush, Axum and Carthage peoples. The research revealed that there is a silencing and minimization of the approach to these peoples in the textbook, which reflects on the learning of students in the 6th grade of Elementary School, with 90% of the public unaware of these African peoples. Thus, there should be a commitment of textbooks to the Teaching of History of African peoples to the same extent and relevance of other peoples, and an active commitment in the teaching of these peoples by teachers in the classroom.

Key words: Teaching, Ancient History, History of Africa

Sumário

INTRODUÇÃO	09
CAPÍTULO I – ENSINO DE HISTÓRIA: Pressupostos teóricos e Legais.....	13
1.2 - Ensino de História da África Antiga.....	16
 CAPÍTULO II - ENSINO DE HISTÓRIA DA ÁFRICA ANTIGA: OS REINOS DE AXUM, CARTAGO E KUSH.....	 25
2.1. A História dos reinos de Axum, Cartago e Kush.....	28
 CAPÍTULO III – A HISTÓRIA DA ÁFRICA EM ANÁLISE NO LIVRO DIDÁTICO DO ENSINO FUNDAMENTAL ANOS FINAIS TELÁRIS (2018)	 39
3.1 Pesquisa realizada com os alunos do 6º ano do Ensino Fundamental da Escola Municipal Santo Antônio – São José de Ribamar/MA.....	45
 CONCLUSÃO.....	 56
REFERÊNCIAS	59

INTRODUÇÃO

A educação é objeto de reflexão desde os tempos antigos pela capacidade de gerar transformações no seio da sociedade, um guia que no alinhamento dos tempos se demonstra perene a diferentes povos, que antes mesmo do surgimento da escrita os anciões já passavam os ensinamentos através da oralidade, contando aos mais jovens os feitos de suas genealogias, conquistas do seu povo, uma atitude de sabedoria seja para os griots, reis, governantes e toda a sociedade. Através do Ensino a educação acontece de maneira prática e o ideal é que todos os sujeitos tenham igualmente a mesma oportunidade de participar dos saberes de sua etnicidade com toda a abrangência e riqueza de cada povo, a igualdade de uma dita sociedade se inicia dentro da sala de aula para as crianças que estão formando seus saberes intelectuais, mas que também estão formando suas habilidades cognitivas que o auxiliarão na vida cidadã. Deste modo é crucial o Ensino de História da África para que os alunos possam entender as inúmeras contribuições dos povos africanos.

Para atingir os objetivos em analisar a importância do Ensino de História da África Antiga como componente curricular destacando as contribuições de Kush, Axum e Cartago para os alunos do 6º do fundamental maior da Escola Municipal Santo Antônio proposto neste trabalho monográfico foi utilizado uma ampla e minuciosa pesquisa em artigos, livro didático e trabalhos acadêmicos que trazem uma abordagem sobre o Ensino de História. Para se embasar teoricamente foram utilizados os trabalhos de Circe Bittencourt (2008). Para um alinhamento entre os parâmetros de ensino para o 6º do ensino fundamental e o livro didático, utilizei a Base Nacional Comum Curricular – BNCC (2018) que trazem os parâmetros para o 6º ano, bem como Abud (2005) com toda a discussões acerca das deturpações de conceitos históricos importantes que o aluno do ensino fundamental vem apresentando e a importância do conhecimento histórico.

Em primeiro lugar para discutir o Ensino de História da África na antiguidade e também o ensino em sala de aula fiz um levantamento desde a abordagens da lei 10.639/03, passando pelas diretrizes e por teóricos que se fundamentam o Ensino de História Antiga. Assim foram utilizados documentos no âmbito do ensino com a lei 10.639/2003, acrescentei ainda o diálogo sobre as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-brasileira e Africana (2005) tendo como novos marcos a preocupação do ensino étnico e plural dos povos afrodescendentes. Também foi utilizado o autor Borges (2010) por frisar a importância do ensino ser desenvolvido nos diferentes espaços

educacionais, já a escolha por Marina Souza (2008) ao destaque as limitações que a sociedade oferta aos afrodescendentes desde o período escravocrata, tendo a necessidade de um Ensino de História que afirme a cultura e História dos povos em sua pluralidade. No sentido de refletir sobre a educação no século XXI fiz uso dos autores Fonseca e Silva (2007), por fim foi incluído o debate sobre literatura africana e afro-brasileira a partir de Lima (2011).

No sentido de fundamentar o Ensino de História da África Antiga, especificamente, dos povos Kush, Axum e Cartago destaquei teóricos como Houston (2021) que destaca ao longo da sua obra um vasto acervo de contribuições, em especial de Kush. Para maior aporte teórico mencionei Costa e Silva (2011) com suas contribuições acerca do reino de Axum. Para fundamentar teoricamente o reino de Cartago e toda a sua relação comercial e política analisei a obra do autor Macedo (2014). Também utilizei Cunha e Gonçalves (2008) que abordam os contatos entre os povos antigos a margem do rio Nilo. Para se fazer o estudo dos reinos africanos Kush, Axum e Cartago em sala de aula, foi necessária uma análise no livro didático de História Teláris (2018) do Cláudio Vicentino e José Bruno Vicentino, ensino fundamental – Anos finais. E por último, apliquei um questionário com questões acerca da percepção dos alunos em relação ao continente africano, o que conhecem e, em específico, o conhecimento dos estudantes com relação aos reinos de Kush, Axum e Cartago.

No que se refere a divisão do trabalho, o primeiro capítulo faz uma abordagem a respeito da importância do Ensino de História, em particular para os alunos do 6º do Ensino Fundamental. Faz um percurso a respeito das diferentes contribuições para a formação do aluno, seja na condição formativa de conteúdo ou na formação para a vida cidadã. Destaca ainda conhecimentos históricos dos povos Kush, Axum e Cartago em alinhamento com questões da nossa realidade contemporânea como forma de despertar no aluno o interesse pela disciplina História. Outro ponto abordado corresponde aos prejuízos educacionais e formativos na ausência do Ensino de História aos estudantes, entendendo que existe um tempo cronológico de conteúdo para compreensão dos fatos históricos. Destacando ainda a importância de alguns progressos educacionais da sociedade brasileira para que abranja de maneira efetiva os afrodescendentes.

Ademais também há um destaque para o Ensino de História Antiga com ênfase na importância de ensinar aos alunos a historicidade dos povos antigos, elencando que para compreensão do presente há uma necessidade de se conhecer o passado e tal ação se faz somente por meio do Ensino de História Antiga para compreender a si e aos seus pares. Aos estudantes do ensino fundamental, em especial os do 6º ano, precisam entender o presente correlacionando com o passado, neste sentido há uma tentativa de valorização do ensino de História da África na antiguidade pouco valorizado nos livros didáticos e também em sala de aula. Ao longo das

décadas se observou que a educação era excludente, não sendo para todos, que não valorizou o ensino da Historicidade dos povos antigos africanos, que somente em 2003 com a Lei 10.639/2003 vem em caráter reparador e social dá o espaço no currículo escolar para o ensino de História Antiga africana.

O segundo capítulo traz reflexões acerca do Ensino de História Antiga, em especial dos reinos de Kush, Axum e Cartago, citando as contribuições destes povos desde a sala de aula. Tal importância se inicia nos sujeitos se apropriarem da sua própria História, de uma perspectiva de empoderamento, fazendo com que o estudante tenha orgulho de sua etnicidade, tão marcada negativamente por meio do racismo estrutural presente na nossa sociedade. Abordar a historicidade e abrangência cultural do passado destes povos é enaltecer uma História que por décadas se manteve silenciada. A grande contribuição de enaltecer os povos antigos africanos como Kush, Axum e Cartago é reforçar o legado que se inicia na realeza com reis e rainha africanas. E não por partes fragmentadas da História que só dá destaque quando a África é associada a temas negativos como escravidão, fome, seca.

O último capítulo enfoca a influência do livro didático no processo de aprendizagem do aluno no 6º ano do ensino fundamental, para tanto primeiramente se recorreu a teóricos que embasam a relação do livro didático e a aprendizagem dos alunos. A análise foi realizada no livro didático Teláris (2018) objetivando observar a abordagem dada aos conteúdos de Kush, Axum e Cartago, bem como identificar se o livro contribui para um Ensino de História antiga africana que valorize a etnicidade afrodescendente. Posteriormente, para realizar o alinhamento do resultado colhido na análise do livro didático a respeito dos povos Kush, Axum e Cartago, e o que o nível de aprendizagem dos alunos do 6º ano com tais conteúdo, foi realizada com 50 alunos da escola Municipal Santo Antônio uma pesquisa acerca da relação da importância do livro didático, o contato dos alunos com os povos de Kush, Axum e Cartago, dentre outras questões

A presente pesquisa aborda o contato do Ensino de História Antiga através dos povos Kush, Axum e Cartago com os alunos do 6º ano do Ensino Fundamental da Escola Municipal Santo Antônio, a fim de acrescentar as contribuições para a vida do estudante acerca do conhecimento destes reinos antigos que mantêm semelhanças e atribuições no nosso presente. O Ensino de História antiga como componente curricular se faz necessário na medida em que auxiliará o aluno a desenvolver habilidades e competências que formarão a sua criticidade como cidadão da sociedade. A relevância da pesquisa consiste em apontar percalços do ensino de História Antiga em sala de aula, como a não valorização e abordagem destes conteúdos em discussão no cotidiano escolar e no livro didático. E para tanto devemos manter esforços para

desconstruir gradualmente esta realidade que traz prejuízos não somente em sala de aula, mas reflete na sociedade tendo em vista os preconceitos, intolerâncias de diferentes nichos.

1. ENSINO DE HISTÓRIA: Pressupostos teóricos e Legais

A História tem um papel muito importante na vida do Homem. Através do Ensino de História desde as séries iniciais o sujeito tem contato minimamente com a Disciplina História em sala de aula. Sua magna importância dentre outras estar em situar o homem no mundo, e também conectá-lo a outras narrativas e sociedades diferentes da sua. A compreensão histórica ocorre gradualmente para assim o aluno conseguir ter as primeiras percepções, adquirindo os primeiros conceitos, aflorando sua criticidade em determinados assuntos históricos.

O Ensino de História nos diferentes lócus educacionais propicia aos alunos conhecimentos históricos de forma didática e gradativa a cada nível de escolaridade. Para tanto, se faz necessário que o aluno tenha contato com a História desde as séries iniciais e continue durante toda a jornada escolar de forma constante e com todos os subsídios necessários para a compreensão dos conteúdos.

A disciplina História tem que fazer diferença na vida dos alunos, tem que contribuir não só do ponto de vista curricular, visando a aprovação do aluno, mas ofertar para a cidadania, no sentido mínimo que o aluno deve compreender os conteúdos que são ensinados e a partir desse conhecimento saber analisar, correlacionar com a realidade presente, elaborar hipóteses, agir criticamente diante das circunstâncias. A História não é uma letra morta, ela está em movimento, deve colaborar para promover nos sujeitos do presente as condições para transformar a realidade do qual participam.

A História em sala de aula é necessária para os alunos do ensino fundamental, tanto para ativar nos estudantes as habilidades necessárias à sua escolaridade, como também para compreender que existe a História de outros povos. Muito mais do que conhecimentos isolados, a História participa ativamente da construção da cidadania, ensinando valores universais que tornam a sociedade mais igualitária, democrática, inclusiva, que tolera o jeito de pensar e ser do outro, entendendo que somos múltiplos e dinâmicos no tempo.

É importante ter clareza do porquê estudamos História, qual a contribuição didática e formativa que tal disciplina oferece aos seus discentes. Partindo da noção que sem conhecer o passado o homem do presente fica à deriva no presente, sem conexão com fatos importantes que explicam o momento atual. Outra contribuição da História está no fato do campo científico contribuir para a formação de identidade. Segundo Circe Bittencourt (2008) um dos objetivos da História é formar as identidades dos sujeitos, o que contribui para a formação da cidadania:

A constituição de identidades associa – se a formação da cidadania, problema essencial na atualidade, ao se levar em conta as finalidades educacionais mais amplas

e o papel da escola em particular. A contribuição da História tem – se dado na formação da cidadania, associada mais explicitamente á do cidadão político. Nesse sentido é que se encontra, em inúmeras propostas curriculares, a afirmação de que a História deve contribuir para a formação do “cidadão crítico”, termo vago, mas indicativo da importância política da disciplina. (BITTENCOURT, 2008, p.121)

O Ensino de História discorre sobre saberes históricos consolidados cientificamente nos diferentes centros de saberes e em diferentes processos da humanidade ao longo do tempo. Para Abud (2005, p.02) o Ensino de História para o ensino fundamental vem sofrendo deturpações de conceitos importantes para o desenvolvimento da aprendizagem dos alunos, a autora destaca a vivência do ensino plural e dinâmico em sala para se consolidar o conhecimento dos discentes através das práticas, sendo os conceitos e movimentos históricos de suma importância para a aprendizagem:

Pesquisas vêm mostrando distorções na formação histórica dos alunos. Conceitos históricos, como o de revolução, não expressam, em alunos do terceiro ano do ensino médio de escola pública, avanços de aprendizagem, mas denotam a permanência do senso comum e apontam importância maior das representações sociais que se constroem independentemente do ambiente escolar. Em outra pesquisa, em 5ª série de escola municipal de São Paulo, alunos afirmaram que a construção da História se faz por meio de vestígios, deixados pelas sociedades do passado. O historiador volta ao passado, segundo alguns alunos, utilizando uma máquina do tempo, segundo outros atravessando um portal e nessa "viagem" recupera os vestígios com os quais escreverá seus livros. (ALVES, 2005 apud ABUD, 2005, p.26)

A dinâmica de aprendizagem do saber histórico em sala de aula é também conceitual, vale destacar a necessidade do ensino sobre o conhecimento histórico via textos históricos, livro didático como aporte, e documentos. O ensino não pode está baseado somente no processo cognitivo do aluno, é de suma importância uma abordagem dos conhecimentos históricos, conceitos, noções e parâmetros de tempo histórico.

Neste contexto devemos entender que o aluno do ensino fundamental está adquirindo conhecimentos, estando em pleno movimento de construção e consolidação de conhecimentos, fazendo – se necessário o contato com tais conhecimentos históricos para formação da base de instrumentalização histórica necessária ao aluno. A autora Abud (2005) enfatiza a aprendizagem, que se faz mediante os conceitos históricos que podem ser aliados a outros recursos didáticos e cognitivos:

O conhecimento histórico escolar não pode ficar preso a análise de processos puramente cognitivos, independentes da vivência dos alunos, que lhes dá sustentação: o cognitivo é sempre sócio - cognitivo. Os alunos tendem a elaborar conceitos de acordo com sua experiência vivida e não formalizam o conhecimento histórico, se não tiverem a possibilidade de vivenciar movimentos e conceitos históricos, colocados em questão na sala de aula. Os indícios fornecidos pelos textos históricos, sejam eles o texto expresso pelo professor ou do manual didático, se concretizam no momento em que outros elementos da aprendizagem entram em jogo, como analogia e a empatia. (LANTIER, 1994 apud ABUD, 2005, p.26)

Circe Bittencourt (2008) na sua obra *Ensino de História: fundamentos e método*, enfatiza que o ensino de História para o ensino fundamental precisa favorecer o domínio de conceitos básicos para formação e compreensão do aluno.

Assim como para as séries iniciais, os conceitos são considerados a base para o conhecimento histórico e busca – se a coerência entre os objetivos da disciplina e os fundamentos historiográficos e pedagógicos: “Com isso o aluno estará construindo um instrumental conceitual que permitirá a identificação das diferenças e de suas formas próprias de realização na História; estará também superando o egocentrismo e o individualismo na compreensão do caráter social da experiência humana” (...) Para as séries finais do ensino fundamental, o domínio dos conceitos ou dos denominados conceitos – chaves torna – se relevante para assegurar a sistematização dos conteúdos, pelo fato de não existir um elenco de conteúdos predeterminados para cada série e algumas das propostas basearam – se em eixos temáticos ou temas geradores. (SEE/RJ, 1994 apud BITTENCOURT, 2008, p.115-116)

É importante frisar que no 6º ano do ensino fundamental metade da grande de conteúdo curricular está voltada para a Europa. Somos fruto de uma aprendizagem que esteve marcadamente ligada ao currículo da Europa como sendo o modelo para os demais povos. O fato de darmos preferência e destaque para os saberes epistemológicos, conceito e conteúdo da História dos Europeus nos aproxima muito mais de uma cultura e identidade que não é a nossa, que não reflete nossa sociedade e os sujeitos que dela participam. O Ensino das grandes conquistas deixou um legado cultural histórico de entendermos que aquilo que é bom e de qualidade vem da Europa, um orgulho de uma História que não é a nossa.

Neste sentido nossa História fica nos currículos escolares sendo apagada ou mesmo resumida por pequenos flashes de saber que não corresponde a vasta cultura e História das raízes do povo brasileiro. Assim, conteúdo de suma importância para que os alunos compreendam sua realidade e o território que vivem não são vistos como prioridade. Abud (2005) tece comentários sobre o conteúdo disponibilizado sobre a História da Europa para 6º do ensino fundamental, fato este que compromete a compreensão do aluno em se identificar com sua própria realidade:

O volume destinado à sexta série dedica metade do seu espaço ao período medieval, concentrando-se na Europa, com algumas páginas para o Império Árabe e para Bizâncio. Desenvolvem-se ainda os temas próprios da Renascença, Reforma, para se chegar enfim às navegações portuguesas e finalmente, os europeus desembarcam nas costas que hoje são brasileiras. A partir daí, somente depois da chegada dos europeus é que se inicia para nossos estudantes, a História do Brasil. Aquilo que os livros didáticos chamam de “História integrada” não passa, enfim, de uma frágil articulação entre a História Geral e a do Brasil, mera sobreposição cronológica dos conteúdos. (ABUD, 2005, p.31)

Para regulamentar a educação tanto dos afrodescendentes como os pressupostos educacionais no Brasil foram criadas as Diretrizes e Parâmetros Curriculares para regulamentar o Ensino. Tal padronização sofreu forte influência principalmente da psicologia piagetiana. Tal

orientação pedagógica abrange todo o território nacional. Sobre os Parâmetros Curriculares que uniformiza as medidas e ações no ensino fundamental e Médio, Circe Bittencourt (2008) acrescenta:

Para os currículos do ensino fundamental e médio foram elaborados os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), sob uma orientação internacional oriunda de pressupostos da psicologia da aprendizagem piagetiana. Cabe ressaltar que essa tendência psicologista dos currículos não é nova, mas foi redimensionada sob novas perspectivas, prevalecendo as interpretações de alguns educadores, notadamente a do espanhol César Coll, daquilo que se denomina de construtivismo. (BITTENCOURT, 2008, p.103)

O Ensino de História para os alunos do 6º do ensino fundamental é necessário, uma vez que nesta etapa da escolaridade que se constrói os conceitos e saberes que forjarão no aluno uma base de conhecimentos imprescindível para sua carreira escolar e para a convivência em sociedade.

O Ensino de História propicia aos alunos o entendimento sobre o tempo presente e a sociedade em que convive, os dilemas inerentes ao meio social, e a pensar criticamente nos fatos ao seu redor, propiciará também o respeito as outras culturas, religiões, modelos de sociedades através do contato em sala de aula com outros povos que viveram num tempo cronológico diferente do tempo presente.

O conhecimento histórico é a principal ferramenta na construção dessa consciência histórica, que articula o passado com as orientações do presente e com as determinações do sentido com as quais o agir humano organiza suas intenções e expectativas no fluxo do tempo. Mas, é nas escolas que se estuda a História e onde se cruzam de modo comprometido o conhecimento científico e o conhecimento escolar, por que o ambiente escolar é privilegiado para que os alunos aprendam maneiras de pensar sobre o passado que deverão ajudá-los a se orientar no tempo, relacionando o passado, o presente e o futuro com suas vivências como seres temporais. As representações históricas que os alunos constroem emergem de determinados processos da vida humana prática, que interagem com o conhecimento escolar. (ABUD, 2005, p.28)

1.2 Ensino de História da África Antiga

O Ensino de História da África propicia uma conexão entre o aluno do 6 ano do ensino fundamental com os conhecimentos da História do Brasil logo se faz necessário uma ligação com a realidade do discente, ascendendo a curiosidade do estudante. De forma particular, a História Antiga não está finalizada somente em repassar informações científicas, de maneira seca como um conhecimento rígido sem maleabilidade.

A História Antiga pode ser ensinada e aprendida de maneira entusiástica, em situações do cotidiano escolar ou para fora dos muros da escola. Deste modo irá contribuir para a formação escolar e cidadã fazendo a diferença no presente. Por décadas pairou no imaginário

coletivo a noção de que História era somente decorar datas, marcos históricos e nomes de grandes propulsores, neste sentido de conhecimento pronto e finalizado causava um ambiente de desinteresse por parte dos alunos. Como o saber é dinâmico professores, estudantes, pesquisadores devem se espelhar no Ensino da História reflexiva, crítica e dinâmica para a formação dos sujeitos no tempo presente através dos conhecimentos da História Antiga para fazer sentido no tempo presente.

Neste sentido é possível observar todo um percurso de luta pela educação que almeja uma valorização do ensino de História Antiga, particularmente História da África na antiguidade, desde a base, ou seja, desde as séries iniciais do ensino fundamental, a fim de que ocorra o ensino da diversidade dos povos, sendo respeitados e compartilhados os saberes destas diversas culturas, ascende também para a necessidade da educação multicultural, dinâmica. Afinal somos fruto de um hibridismo cultural, o Brasil espelha uma África não somente através dos corpos, mas da dança, música, da religiosidade. Lima (2011, p.15) destaca “Nessa perspectiva, é inegável que se inicia aí o processo irreversível do hibridismo cultural, ou seja, a interpenetração do patrimônio africano à realidade brasileira”. O ensino de História levanta pautas importantes no centro da sociedade. Em destaque para as lutas e conquistas dos avanços da Marcha Zumbi dos Palmares, em 1995, contra o racismo e para uma educação equitativa como está preconizado no caderno afirmativo do Paraná (História e cultura afro-brasileira e africana: educando para as relações étnico-raciais):

A Marcha Zumbi dos Palmares, contra o Racismo e pela Vida, realizada no dia 20 de novembro de 1995, entregou, ao então presidente Fernando Henrique Cardoso, o Programa de Superação do Racismo e da Desigualdade Racial que, no tocante à Educação, assim afirmava:

- Implementação da Convenção sobre Eliminação da Discriminação Racial no Ensino;
- Monitoramento dos livros didáticos, manuais escolares e programas educativos controlados pela União;
- Desenvolvimento de programas de treinamento de professores e educadores que os habilite a tratar adequadamente com a diversidade racial;
- Identificação de práticas discriminatórias presentes nos estabelecimentos escolares e o impacto destas na evasão e repetência das crianças negras. (BRASIL, 2006, p.18)

Outro ponto importante do Ensino de História e cultura afro-brasileira e africana no século XXI é o reconhecimento do Estado em atender os anseios legítimos de grupos étnicos importantes que formam o povo brasileiro, a negação ou mesmo a invisibilidade em atender tais anseios educacionais. Um Ensino de História que afirme a cultura e História dos povos em sua pluralidade. No sentido de refletir a educação no século XXI os autores Fonseca e Silva (2007) expõe:

Nos últimos anos, é visível e explícito o crescente interesse do estado e de alguns setores sociais em reconhecer o pluralismo no interior da sociedade brasileira e a educação escolar como um espaço de afirmação de identidades diversas. Esse interesse merge de forma mais contundente em determinados momentos, como reação às demandas, lutas e necessidades de determinados setores sociais, especialmente daqueles considerados “minorias”. Exemplo disso foram a introdução de temas transversais como “ética” e “pluralidade cultural” nos Parâmetros Curriculares Nacionais, pelo MEC, em 1997, e a Lei Federal n.10.693, de 9 de janeiro de 2003, que tornou obrigatória nas escolas de ensino fundamental e médio, oficiais e particulares, o estudo da temática “história e cultura afro-brasileira”. (FONSECA & SILVA, 2007, p.45)

Assim, para a regulamentação do Ensino de História e Cultura Afro – brasileira e Africana nas salas de aula foi instaurada a Lei 10.639/2003 que pontua a obrigatoriedade deste conteúdo nos currículos da Educação Básica para as séries do fundamental. O documento caderno afirmativo do Estado do Paraná, Brasil (2006) enaltece o amplo valor da lei em sua contribuição para o ensino de história que abranja além da elite branca, que dominou o currículo escolar por décadas, deixando os outros povos a margem do processo de ensino, ou em situação subalternas:

O advento da Lei n. 10.639/03 foi um grande passo. A seguir, a aprovação pelo Conselho Nacional de Educação das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino da História e Cultura Afro- Brasileira e Africana, foi um mergulho de cabeça na questão, estabelecendo passos, ritmos, princípios e programas. Alguns ainda poderão dizer que isto é um racismo às avessas, que todos sempre tiveram direito à educação, que tudo é uma questão de mérito, etc., etc. Mentira ou mistificação; de várias formas, direta e indiretamente, velada ou abertamente, os negro-descendentes têm sofrido um processo de constrangimento e exclusão. É preciso lembrar que Decreto n. 1.331, de 17 de fevereiro de 1854, estabelecia que nas escolas públicas do país não seriam admitidos escravos. O Decreto n. 7.031, de 6 de setembro de 1878, estabelecia que os negros só podiam estudar no período noturno. Subjetivamente, ao longo de todos os tempos, salvo honrosas exceções, aos negros tem sido negado o acesso ao conhecimento por todos construído. (BRASIL, 2006, p.22)

O que se observa é uma educação que ao longo das décadas não priorizou atender a maioria da sociedade brasileira como povo, mas atender as demandas de uma elite que explorava a mão de obra dos diferentes povos étnicos (negros, indígenas) para sustentar as regalias e interesses de quem estava no poder, uma elite majoritariamente branca e europeizada. Neste cenário podemos constatar que o ensino de História traz a luz problematizações que são históricas, mas também enaltece uma luta por uma educação de qualidade para todos.

A Lei 10.639/03 tenta reparar um erro tanto nas políticas educacionais quanto de uma reparação moral para com os negros, afrodescendentes que construíram o país sobre o assombro da escravidão, da exploração humana em todos os vieses (ideológicos, econômicos, políticos,

cultural, psicológico). Uma reparação mínima diante do atraso e sofrimento que o povo negro sofreu em solo brasileiro. Em vista que o ensino não era pensado para a inclusão afrodescendente, mas para segregação e exclusão do processo educacional.

Assim o Ensino de História e Cultura Afro – brasileira e Africana enaltece desde a infância a valorização como motivo de orgulho para os alunos descendentes do povo africano com uma História de luta e de motivo para o empoderamento dos sujeitos no presente, aspectos presentes nas Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-brasileira e Africana (2005):

A obrigatoriedade de inclusão de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana nos currículos da Educação Básica trata-se de decisão política, com fortes repercussões pedagógicas, inclusive na formação de professores. Com esta medida, reconhece-se que, além de garantir vagas para negros nos bancos escolares, é preciso valorizar devidamente a história e cultura de seu povo, buscando reparar danos, que se repetem há cinco séculos, à sua identidade e a seus direitos. A relevância do estudo de temas decorrentes da história e cultura afro-brasileira e africana não se restringe à população negra, ao contrário, diz respeito a todos os brasileiros, uma vez que devem educar-se enquanto cidadãos atuantes no seio de uma sociedade multicultural e pluriétnica, capazes de construir uma nação democrática. (BRASIL, 2005, p.17)

É mais do que exigências curriculares, é uma conquista que se efetiva para a identificação dos alunos com suas origens, uma contribuição da autoestima de cada estudante a ter orgulho de quem são, neste sentido os cadernos temáticos do Paraná (História e cultura afro-brasileira e africana: educando para as relações étnico-raciais), destaca:

Estados e municípios brasileiros foram dando passos no sentido de garantir uma educação que se pautasse pelo respeito à diversidade étnica dos alunos, em especial do respeito à história e cultura negra no Brasil. Entretanto, faltava uma legislação de caráter nacional. É para dar conta desse vazio que vem a Lei 10639, repondo, refazendo, cobrindo uma lacuna na formação escolar de nossos jovens, possibilitando que alunos afro-descendentes pudessem resgatar na escola sua identidade étnica. (BRASIL, 2006, p.18)

O Ensino de história dos povos afrodescendentes ganhou espaço legal devido as leis outorgadas com o embasamento das Diretrizes educacionais. Neste sentido, o estado é um importante agente na promulgação de ações educativas, nesta linha de pensamento Borges (2010) frisa a importância do Ensino ser desenvolvido nos diferentes espaços educacionais:

Segundo as Diretrizes, o ensino de História e Cultura Afro-brasileira e Africana e a educação das relações étnico-raciais devem ser desenvolvidas no cotidiano das escolas como conteúdo de disciplinas, particularmente Educação Artística, Literatura e História do Brasil, em atividades curriculares ou não, trabalhos em salas de aula, nos laboratórios de ciências e de informática, na utilização de sala de leituras, bibliotecas, brinquedotecas, áreas de recreação e em outros ambientes escolares. (BORGES, 2010, p.05)

Neste alinhamento as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana (2005) destaca a magnitude e relevância das políticas públicas para um ensino equitativo, democrático e com culturas diversas:

Reconhecimento requer a adoção de políticas educacionais e de estratégias pedagógicas de valorização da diversidade, a fim de superar a desigualdade étnico racial presente na educação escolar brasileira, nos diferentes níveis de ensino. (...) Reconhecer exige que os estabelecimentos de ensino, freqüentados em sua maioria por população negra, contem com instalações e equipamentos sólidos, atualizados, com professores competentes no domínio dos conteúdos de ensino, comprometidos com a educação de negros e brancos, no sentido de que venham a relacionar-se com respeito, sendo capazes de corrigir posturas, atitudes e palavras que impliquem desrespeito e discriminação (BRASIL, 2005, p.12)

É fundamental falarmos da autoestima dos alunos durante seu trajeto escolar. A conectividade dos alunos com suas origens levará a uma afirmação e valorização de quem são. A construção das identidades, o reconhecimento como pertencente a um determinado grupo ocorre também no meio social, a escola por sua vez é um ambiente de fortalecimento das identidades, da inclusão ou exclusão, realidades que devem ser trabalhadas em sala de aula.

O meio escolar é constituído de alusões negativas a população afrodescendente, desde o livro didático que não enaltece a figura do negro. Assim, o ensino de História tem um papel significativo de desmontar todo um imaginário pejorativo que apontam para a escravidão, fome, violência, ou seja, um cenário que o aluno não se identifique e muito menos se orgulhe do sofrimento dos seus antepassados que foram explorados. Diante de tal cenário o Ensino de história delinea passos no sentido de superar tais visões estigmatizadas e pejorativas e formar uma geração com uma autoestima bem forjada desde o ensino fundamental como destaca o documento governo do Paraná, Brasil (2006):

Os livros didáticos ainda estão repletos de estereótipos. No trato da História do Brasil, o negro só aparece como primitivo, como povo escravizado, como vítima de castigos terríveis, como coitado, como miserável e quando rebeldes, são tratados como os derrotados. Que criança negra sentirá orgulho de sua etnia. Quem é que vai querer parecer-se com os tipos e com a vida dos negros postos em cena? E o lugar de onde vieram esses escravos? Via de regra a África é representada como um lugar atrasado, primitivo, sujo, inóspito, cheio de animais ferozes, enfim, um lugar onde o Tarzan e o Fantasma andavam tentando civilizar e proteger. Quem não lembra dos gibis que povoaram a infância de milhares de brasileiros? (BRASIL, 2006, p.23)

Ensinar História no século XXI ainda é um desafio. Apesar do aparato legal dado a esta área do conhecimento diferentes fatores, sejam estruturais, metodológicos, de conteúdos contribuem para que o Ensino de História ainda enfrente enormes desafios na direção de uma educação igualitária e equitativa. A área de História aliada a Filosofia, Sociologia tem seus

percursos históricos marcados por tentativas de silenciamento, seja na diminuição da sua carga letiva ou relegada a um segundo plano em comparação as áreas técnicas. A importância das disciplinas humanas é basilar ao levar o sujeito humano a atividade de reflexão da realidade.

A História proporciona subsídios para que os discentes não reproduzam os erros que a humanidade praticou no passado como a escravidão, guerras mundiais, genocídios dos judeus, os fatos históricos. Analisar o passado mostra as consequências de se optar a tais atrocidades, logo nenhuma delas recompensou ou mesmo beneficiou a humanidade, os homens. O Ensino de história deve ser mais do que incentivado, sendo necessário desde o início da escolaridade dos cidadãos para termos uma sociedade melhor. Temos assim na História uma árdua tarefa de formar sujeitos, cidadãos para a sociedade, tal exercício se inicia na sala de aula.

Essa construção que se apoia nas representações sociais dos alunos terá dificuldade em se concretizar pois, as representações sociais não se constituem em discursos neutros e por isso, favorecem a relação com o mundo, na construção, por meio de múltiplos discursos, da realidade social. Visam o reconhecimento de uma identidade social, pela qual marcam de forma visível a existência do grupo, da classe ou da comunidade. (ABUD, 2005, p. 32)

Mediante o uso da realidade e vivência do aluno, com suas raízes afrodescendente, conectá-lo através do ensino de História da África Antiga irá despertar nele o interesse em saber, em conhecer ainda mais sobre a História do seu povo, seu lugar de pertencimento, um ensino que antes de não tinha espaço no currículo escolar. As históricas lutas no campo educacional ocorrem em prol de uma educação inclusiva e étnico racial.

Desde a vinda dos africanos para o Brasil ocorre o processo de luta e resistência por uma vida cidadã com todos os direitos, inclusive de ter a sua História ensinada. A História contribui para a formação política do aluno. A consciência política dos alunos e as leis e diretrizes educacionais tem uma relação simultânea um no outro. As Leis e diretrizes Educacionais direcionam os rumos educacionais que reflete na vida do aluno e que refletem também os anseios e demandas da sociedade. Colaborando neste diálogo, de gerar uma percepção política no aluno, Abud (2016, p.299) acrescenta:

Nos currículos e programas se articulam a escrita e o ensino de História em uma dimensão particular e específica de uso do passado, o que implica igualmente pensar a dimensão política subjacente a essa forma de uso do passado. Por esse motivo a História vem sendo apontada como a disciplina responsável pela formação política dos estudantes, pois teria intrínseco ao seu aprendizado, o desenvolvimento do pensamento político do alunado. Uma leitura mais acurada dos programas de ensino permite que se vislumbrem outros objetivos que vão muito além das habilidades e possibilidades de aprendizagem próprias do ambiente escolar. (GUIMARÃES, 2009 apud ABUD, 2016, p.299)

Com a obrigatoriedade da lei (10.639/2003) o professor precisa acrescentar e corrigir

algumas visões pejorativas sobre África. Pontuar a riqueza de uma África antes da Colonização, da pluralidade dos povos e suas riquezas culturais, as riquezas naturais, sua magnificência em apontar os povos antigos africanos como desenvolvedores da Medicina, de uma escrita própria, descobertas importantes e significativas, marcos que o povo negro pode se orgulhar.

Somos sinônimos de força e resistência apesar do horror da escravidão, apesar da violência construímos um país chamado Brasil com nossos conhecimentos. O povo negro por décadas teve sua História silenciada, suas vozes abafadas pelos seus algozes que os submeteram a mais profunda exploração. O homem branco usou o homem negro como fonte de riqueza e acumulação de bens pela exploração do suor da pele africana e de seus descendentes, como aponta as palavras de Marina Souza (2008, p.77):

O escravismo foi a principal forma de utilização do trabalho e esteve na base da organização da sociedade brasileira durante mais de trezentos anos. Para sua manutenção, além da sua importância econômica (sendo a exploração do trabalho escravo a principal forma de acumulação de riquezas), foi montado um sistema de justificação e legitimação da escravização de seres humanos, (SOUZA, 2008, p.81)

Trazendo para a realidade atual brasileira, no âmbito educacional além da carência de professores, há em algumas escolas, conteúdos de História que não são ministrados por diferentes razões, seja por iniciativa do professor, exigência de um currículo ou plano de aula de um determinado locus que seleciona uns conteúdos como prioridade e deixa os de África Antiga como opcional. Existe ainda uma dependência com relação ao livro didático, principalmente nas séries do ensino fundamental, sendo que estes materiais trazem os conteúdos de África de maneira muito resumida, com abreviações e silenciamentos em muitos aspectos da História da África Antiga.

Como professores temos o dever de transmitir a História do povo Africano desde a sua Origem que é desconhecida por grande parte da sociedade. Neste sentido o professor deve passar os conhecimentos de História da África Antiga, Souza (2008) afirma:

Abordar conteúdos que trazem para a sala de aula a História da África e do Brasil africano é fazer cumprir nossos grandes objetivos como educadores: levar à reflexão sobre a discriminação racial, valorizar a diversidade étnica, gerar debates, estimular valores e comportamentos de respeito, solidariedade e tolerância. E é também a oportunidade de levantar a bandeira de combate ao racismo e às discriminações que atingem em particular a população negra, afro – brasileira ou afrodescendente. Discutir esse tema junto de nossos alunos é o primeiro passo na trilha da reconstrução de uma face de nosso passado que ainda precisa ser entendida. (SOUZA, 2008, p.7)

É importante ensinar aos alunos do 6º ano do ensino fundamental sobre as riquezas dos reinos antigos em África como Kush, Axum e Cartago, elencando o modo de vida destes importantes centros com suas complexas sociedades, os conhecimentos que tais civilizações

possuíam, com destaque para suas conquistas.

O professor de História pode lecionar a África Antiga através da literatura (contos, crônicas, poesia) abordando a riqueza diversa do povo africano. Resgatando o orgulho da africanidade através da arte. É possível ainda ensinar África sobre uma ótica positiva e enaltecadora que valorize o povo africano. Tendo um acervo de possibilidades a serem exploradas, por exemplo, a Literatura africana em sala de aula conecta o aluno do ensino fundamental a conhecimentos históricos de maneira mais agradável e atrativa. Em função da cultura e arte africana terem sido reprimidas, o exercício de demonstrar tal legado em sala contribuirá para o fortalecimento da identidade negra. Sobre a literatura africana e afro-brasileira Lima (2011) destaca:

A literatura afro-brasileira, além de carregar a natureza e a função que a literatura enquanto arte, ciência e disciplina desempenham, traz ainda consigo um acervo histórico, cultural, social e simbólico que em muitos aspectos continuam inexplorados para a grande maioria do público brasileiro, devido ao espesso véu do preconceito que envolveu desde pelo menos o século XVIII a produção literária de uma diversidade de escritores afro-brasileiros. (LIMA, 2011, p.8)

Cabe destacar que para as culturas africanas a oralidade é muito importante. A tradição oral preserva a História do povo, suas conquistas, guerras, lendas, mitos, todo esse conhecimento era transmitido pelo griot, um mestre detentor de um vasto conhecimento da História do povo. Podemos observar que a oralidade não é valorizada no mundo ocidental, que deu maior destaque para a escrita, para o documento. Yeda Pessoa (2008) conecta a tradição oral praticada em África com a sociedade brasileira, tal conectividade aproxima e enriquece a compreensão dos alunos:

Essa tradição milenar de textos orais floresceu no Brasil colonial nas vozes das mulheres negras propagando, desdobrando e reinterpretando contos, cânticos e poesias africanas e portuguesas, essas últimas ouvidas de suas sinhas na casa] grande em meio aos escravos domésticos, os escravos de Jó (quimbundo Jingo da casa) que jogavam caxangá na conhecida brincadeira infantil de nosso folclore (PESSOA, 2008, p.16 apud LIMA 2011, p. 10).

Como podemos observar a literatura africana tem um grande acervo autoral que pode ser utilizada em sala de aula. Em complemento ao livro didático tem uma série de contribuições artísticas africanas que enaltecem a nossa cultura, formando uma identidade de orgulho nas crianças dentro de um universo atrativo que é a literatura.

Cabe ressaltar que o mundo da literatura infantil é majoritariamente marcado por personagens com tom da pele branca, na maioria dos contos de fada as princesas aparecem marcadamente assumindo um papel “natural” de serem princesas brancas. Tal realidade reflete nas crianças negra um imaginário de não pertencimento a determinada posição, de não poderem

se reconhecer como a protagonista, tais enredos desencadeiam nas crianças negras um lugar de subalternos nas histórias infantis. A autora Lima (2011, p.60) faz uma análise do desenho animado “Sítio do Pica - Pau Amarelo”, demonstrando o papel dos negros em condições subalternas:

Tia Nastácia é a cozinheira do sítio de D. Benta, e segundo o narrador, “Na casa ainda existem duas pessoas – Tia Nastácia, negra de estimação que carregou Lúcia pequena e Emília, uma boneca de pano bastante desajeitada” (In Rocha, 1981, p.40). Outra personagem negra é tio Barnabé, sempre solícito aos netos de D. Benta, “um negro de seus oitenta anos” (espécie de Pai João, Pai Francisco ou Pai José, encarnando o lado submisso e bonachão dessa personagem da tradição oral brasileira). (LIMA, 2011, p.60)

Portanto, devemos oferecer as crianças em sala de aula uma literatura infantil que valorize as suas raízes históricas. Tal ensino deve ser fomentado em sala de aula no sentido de colocar os discentes como protagonistas de suas ações. Os Cadernos Negros (1978) agregam as contribuições africanas com obras de diferentes autores negros e dá visibilidade a literatura negra. Assim, entendemos que o Ensino de História da África Antiga é um vislumbre de empoderamento as nossas crianças em sala de aula, para que elas possam se orgulhar da História Africana, de seus antepassados no esforço de formar uma sociedade mais justa e igualitária.

2. ENSINO DE HISTÓRIA DA ÁFRICA ANTIGA: OS REINOS DE AXUM, CARTAGO E KUSK

A História Antiga para o Homem se reportar e encontrar respostas, entender a si e a seus pares. O passado sempre foi objeto de indagações, inquietações ao longo da História da Humanidade por responder as questões humanas. Conhecer as sociedades passadas possibilita dar condições a um determinado sujeito do poder de escolha. Ter o poder do saber torna o homem consciente do lugar em que ocupa, saber analisar os fragmentos de uma dita sociedade moderna, sendo livre e apto para escolhas conscientes como cidadão.

As sociedades africanas sempre valorizaram as tradições de seus antepassados. O passado dos ancestrais das sociedades servia para enaltecer os feitos realizados e também para manter as tradições no presente. Tal vínculo passado de geração a geração conectava a criança africana com seus bisavôs e gerações passadas. Uma importância significativa para a formação da criança que se entende a partir de uma memória coletiva passada por seus pares.

É de suma importância conectar a História Antiga dos reinos africanos (Axum, Cartago, Kusk) com os alunos do ensino fundamental. Sabendo que provavelmente as gerações passadas de estudantes possivelmente não tiveram contato na densidade e valorização necessários que consolidasse saberes imprescindíveis dos reinos africanos. Logo, iniciar um Ensino de História dos reinos antigos em África contribui para que a cultura africana seja ainda mais conhecida e incentivada desde a sala de aula, fortalecerá os vínculos do passado ao presente.

O estudante médio não sabe que em Núbia há infinitamente mais monumentos e templos do que no Egito, além disso, os árabes dizem que os europeus conhecem poucos monumentos escondidos pelas areias invasoras do deserto. Doze milhas ao norte de Naga é um labirinto de edifícios em ruínas. Os árabes o chamam de Massaurat (HOUSTON, 2021, p.40)

Tal cultura enaltece e sinaliza para uma sociedade pautada no respeito a diferença, que tem lugar para a contribuição da sabedoria dos antigos, menos xenofóbica com outros povos e culturas, pois reconhece desde cedo a importância do outro

Devido ao apagamento e silenciamento da História Antiga, o conteúdo ligado ao continente da África ocasionou nos alunos uma perda significativa de autoestima, sobretudo, entre os afrodescendentes. Tal lugar de esquecimento desta cultura africana antiga também veio da sala de aula e deu espaço para um constrangimento dos negros em pertencerem as suas origens étnicas.

Neste sentido de valorização do ensino de História da África Antiga, Barnabé destaca:

Além disso, se para o bem ou para o mal a História Antiga ocidentalizou nossa memória social, e conseqüentemente nossa identidade enquanto brasileiros ,

compreender o seu uso nos últimos séculos torna-se imprescindível para: a) desconstruir visões etnocêntricas através dos usos que foram feitos da Antiguidade pelas sociedades posteriores (sejam elas europeias, estadunidenses ou latino americanas) no sentido de legitimação de poder e violência; b) propiciar um contato com experiências humanas literalmente antes de Cristo, o que certamente contribui para que tendências fundamentalistas sejam combatidas, na medida em que se projeta tais experiências em uma perspectiva temporal muito mais ampla; e finalmente c) compartilhar as experiências e reflexões que os antigos fizeram entre si no que tange às mais diversas problemáticas sociais e humanas enfrentadas por eles, e também as reflexões e experiências feitas por outras sociedades que os leram e deles fizeram uso.(GUARINELLO, 2013, p.13 apud BARNABÉ, 2014, p. 38)

As crianças por não terem em que se identificar com a História Antiga e ter orgulho dela sofrem desde muito cedo com o racismo estrutural, seja em comentários com a forma do cabelo, textura dos fios, balanço das madeixas. Desde a infância as crianças negras em sua maioria tendem a se desvencilhar da forma natural de seus cabelos optando por químicas de alisamentos. Assim sendo, a infância dos alunos negros tem precocemente razões para não gostar do seu tom de pele e desejam pertencer a outros grupos, para não sofrer com o preconceito tão enraizado na sociedade brasileira. Portanto, se faz essencial o Ensino de História da África para enaltecer a História e legado de povos originalmente vinda de reis e rainhas.

Acerca da inclusão do Ensino de História dos povos antigos como meio de ligar o aluno ao passado por meio presente, se observa que uma parte considerável dos estudantes não tem conceitos e noções básicas de História ou da historicidade dos reinos antigos africanos, tendo assim um déficit na formação escolar.

Partindo desta compreensão a Base Nacional Comum Curricular aponta: (2008, p. 401)

A inclusão dos temas obrigatórios definidos pela legislação vigente, tais como a história da África e das culturas afro-brasileira e indígena, deve ultrapassar a dimensão puramente retórica e permitir que se defenda o estudo dessas populações como artífices da própria história do Brasil. A relevância da história desses grupos humanos reside na possibilidade de os estudantes compreenderem o papel das alteridades presentes na sociedade brasileira, comprometerem-se com elas e, ainda, perceberem que existem outros referenciais de produção, circulação e transmissão de conhecimentos, que podem se entrecruzar com aqueles considerados consagrados nos espaços formais de produção de saber. (BRASIL,2008, p.401)

Dessa forma, temos o dever social e profissional de ensinar as contribuições dos povos antigos, levar ao conhecimento dos alunos que os avanços modernos de hoje são fruto de descobertas e contribuições dos legados de outros povos em outros tempos. Assim, a criança de hoje será o adulto e cidadão do futuro. Crescerá com sentimento de pertencimento aos povos africanos, além de perceber desde a base que o respeito ao outro é respeito a si mesmo. Afinal o propósito da educação é formar e contribuir para uma sociedade mais justa e igualitária.

A Base Nacional Comum Curricular (2008, p. 402) destaca as Competências Específicas de História para o Ensino Fundamental como objetivos comuns a serem alcançados

nas séries de ensino fundamental, desta forma aborda como quarta competência e discorre que os alunos tenham contato com outros povos e culturas no decorrer histórico para desenvolver habilidades concernentes a sua cidadania, como princípios democráticos e inclusivos. Da mesma forma é importante identificar interpretações que expressem visões de diferentes sujeitos, culturas e povos com relação a um mesmo contexto histórico, e posicionar-se criticamente com base em princípios éticos, democráticos, inclusivos, sustentáveis e solidários.

As Diretrizes curriculares para a Educação Étnico – Racial e para o Ensino de História e Cultura Afro – brasileira e Africana (2005, p. 18), colaboram no sentido de disponibilizar um Ensino de História Antiga voltado para a historicidades dos afrodescendentes em sala de aula na valorização dos sujeitos. Destaca-se como fundamental os princípios a consciência política, assim sendo frisa como um de seus princípios elementares uma sociedade construída com saberes plurais, para tanto expõe como um de seus pilares a “- à compreensão de que a sociedade é formada por pessoas que pertencem a grupos étnico-raciais distintos, que possuem cultura e história próprias, igualmente valiosas e que em conjunto constroem, na nação brasileira, sua história” (pg.18). A sociedade ideal, que atende e acolhe a todos com tratamentos e oportunidades iguais, se inicia nos saberes ensinados em sala de aula. É importante ensinar as contribuições de sociedades passadas como Axum, Cartago e Kush para novos horizontes sociais e na superação de anomalias atuais.

O Ensino de História da África na antiguidade em sala de aula reflete na formação de sujeitos que terão atitudes mais colaborativas e mútuas entre os diferentes sujeitos que compõe uma sociedade. Incentivar o ensino de História antiga africana em sala de aula colabora para um Ensino de História multicultural alargando a percepção de mundo dos alunos, com noções que não estejam pautadas na diferença étnica ou cultural de maneira depreciativo, mas agregador.

O estudo em sala de aula legitima o papel do africano como ser igual ao branco, desmascara erros históricos, incentiva o negro a ser autor de sua própria história. Acrescenta para uma historiografia sendo reescrita, como o autor Anderson Oliva (2008, p.186) destaca acerca da importância do ensino de História africana em sala de aula a "desconstrução das antigas teorias e postulados racistas que, com novas roupagens, ainda circulam nos dias de hoje, elas restituem aos africanos a participação efetiva na trajetória histórica da humanidade e importam para o espaço escolar um debate que teve grande importância em meio à historiografia africanista” (p.186).

Cabe destacar que legitimar a anterioridade africana na sala de aula, os Estados africanos acrescentam para a desconstrução de antigas teorias racistas penduradas ao longo dos séculos.

Ensinar a História da África aos afrodescendentes e demais povos por meio do Ensino de História Antiga contribui para as transformações na educação plural e multiétnica. Desse modo Anderson Oliva (2008, p.186) acrescenta a respeito de disseminar tal ensino em sala de aula que transforma alunos, professores que tem importante contribuição do livro no trajeto de ensino de História Antiga “Ou seja, a ideia defendida é a de que, se os livros didáticos abordassem acertadamente esses temas estariam contribuindo, de alguma forma, para a redefinição do papel e do lugar associados à África nas referências mentais de professores, estudantes e demais leitores de seus textos.”(p.186).

Por fim, cabe ressaltar que o Ensino de História da África Antiga é fundamental, se fazendo necessário um comprometimento da escola, sociedade e profissionais da educação. Anderson Oliva (2008, p. 185) destaca que “Sendo assim, as abordagens acerca dos estudos africanos, (...) aparecem como ingredientes chaves na composição, transformação e manutenção das referências e imagens que o público escolar constrói sobre o continente”. Ou seja, o Ensino de História Antiga africana contribui para formação dos sujeitos em sociedade.

2.1. A História dos reinos de Axum, Cartago e Kusk

Sobre a História dos reinos africanos, Cunha e Gonçalves (2008) apresentam os movimentos comerciais feitos à margem do Nilo e todas as relações que estes reinos estabeleceram com os demais povos ao norte do continente, desconstruindo a visão estática que faz parte do imaginário da sociedade e até nos meios escolares.

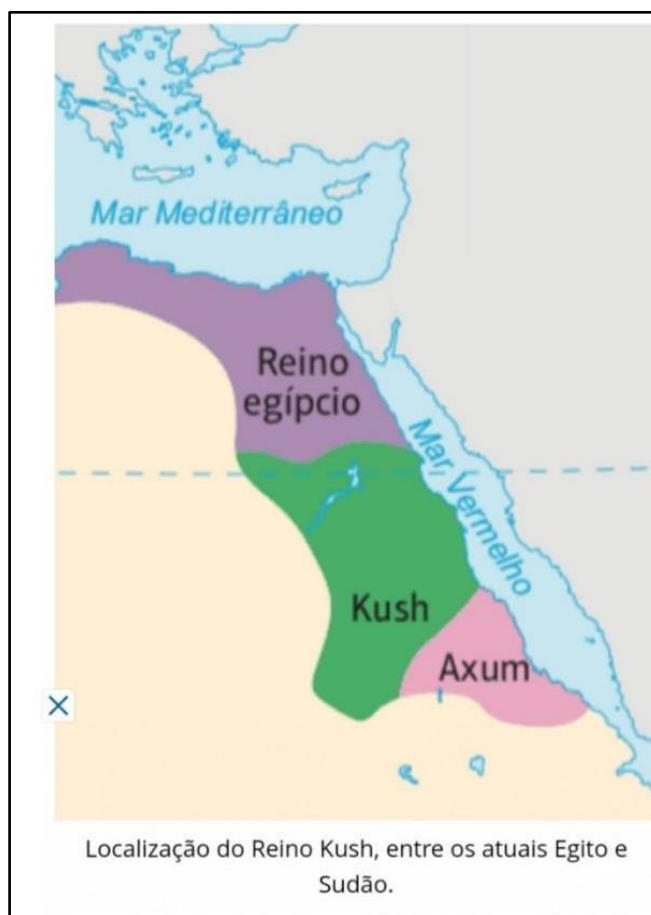
O contato entre os povos na antiguidade já ocorria em certa medida ao longo dos séculos. O que favorecia e muito a troca de elementos culturais. Entender que tal troca de elementos culturais e contado com outros povos ocorre hoje fica mais claro e consistente para o aluno entender o contexto abordado em sala de aula. A fim de esboçar o fluxo comercial e de povos à margem do Nilo os autores Cunha & Gonçalves (2008) destacam:

A prática comercial com tantos países estrangeiros proporcionava uma troca cultural intensa. Os meroítas tanto influenciaram, trocaram e criaram, quanto absorveram muito da cultura dos povos indianos, chineses e egípcios. Entretanto, sempre foram cautelosos na proteção de sua independência e da sua própria cultura. O povo de Cuxe tinha orgulho de sua cultura, recebiam muitas coisas de alguns povos, porém, inventavam muitas técnicas próprias. Através de suas negociações com povos tão distintos, os cuxitas espalharam sua influência por todo o Vale do Nilo. (CUNHA & GONÇALVES, 2008, p. 4)

Segundo os autores ressaltam ainda que “O reino de Cuxe existiu por aproximadamente um milênio, depois que seus líderes saíram do Egito, após terem sido dominados pelos assírios.

Os Cuxitas dominavam, no auge de seu poderio político, entre os anos 300 a.C. e 200 d.C.,” (Cunha e Gonçalves, 2008, p. 03). Com um domínio vasto manteve controle de parte do Sudão a parte alta do rio Nilo. É inegável o tamanho do legado material e de contribuições que podem ser compartilhados em meios educacionais, especialmente para as crianças em franco processo de aprendizagem e de formação de suas habilidades cognitivas. Iniciando assim o processo de democratização dos saberes de todos os povos e suas respectivas contribuição para a humanidade.

Acerca da localização de Kush a autora Dusilla Dunjee Houston (2021, p.24) pontua que se situavam as margens sul da Ásia e da África e regiões próximas como o as costas sul e leste da Arábia. A autora continua descrevendo e pontua acerca da localização geográfica do reino de Kush “O nome Cuxe foi dado a quatro grandes áreas: Mídia, Pérsia, Susiana e Aria, ou a todo o território e entre o Indo e o Tigre nos tempos pré-históricos” (p.24).



Fonte: www.colaweb.com

Em consonância a autora Houston (2021) ilustra a importância de se estudar as contribuições dos Cuxitas como importante reino antigo africano. A autora tece críticas a respeito da ausência dos saberes cuxitas nas civilizações posteriores, destaca que nossa

sociedade atual foi estabelecida sob os pilares do que um dia foi a civilização cuxita. A estudiosa aponta que a falta dos conhecimentos sobre as sociedades passadas nos traz consequências que rompem o equilíbrio moderno tanto para as instituições, quanto para os atritos entre os povos no presente, visto que conhecemos majoritariamente a história de um povo branco sendo repassado em sala de aula como herói, conquistador, modelo de nação. A repetição deste ensino europeu abre espaço para tantos males como o desrespeito aos povos que foram dominados por ele por décadas, deixando “as minorias” e outros povos como o negro em lugar subalternidade em nossa sociedade, com menores salários, racismo, violência física e cultural. Assim podemos compreender quando a autora aponta para “rupturas na civilização atual”. Tal cenário só poderá mudar a partir de um Ensino de História, desde as séries iniciais do Ensino Fundamental, a saber o 6º ano, que possibilite pensar no passado para agir no presente. Houston (2021) expõe a escassez de estudos a respeito dos Cuxitas e faz um convite a todos para conhecer a História de Kush :

A ausência deste poder é a causa de muitas rupturas na civilização atual. De nossas próprias ciências aceitas, os capítulos deste livro, provam que a raça cuxita foi a fonte da civilização. Se você deseja a verdade, se deseja ser justo, ser educado em conhecimentos vitais não possuídos sobre a vida dos antigos, venha comigo e a arqueologia, etnologia, geologia e folologia revelará, não de uma forma seca e enfadonha, mas através do desdobramento do drama mais intensamente interessante e assustador dos tempos. A raça de Cuxe, suas instituições, costumes, leis e ideais foram os alicerces sobre os quais nossa cultura moderna foi fundada. (HOUSTON, 2021, p.18)

Portanto, podemos a partir do entendimento da civilização dos cuxitas passar para os alunos do 6º ano do Ensino Fundamental a desconstrução de estereótipos que desvalorizam a História da África e o representa como um continente que não produziu saberes, que foram incapazes de solidificar instituições modelos para o globo. E faz necessário evidenciar, através dos diálogos com os estudantes, que os povos africanos eram sinônimos de riqueza e poder.

Com efeito os Cuxitas fundaram bases importantes para o avanço de descobertas humanas, tanto no comércio, navegação, astrologia. A sociedade Cuxita quando comparada a outros povos e culturas desse processo histórico, reforça a ideia que havia em seio africano uma exuberante e rica civilização que apontava como referência para o seu tempo.

Como admirar o que não se conhece, como se reconhecer como pertencente a África se não a conhecemos? É o Ensino de História que será ponte para tal mural de saberes que ficaram ocultos no processo de ensino nas escolas. Para ficar mais claro aos alunos, o professor pode aproximar tal conteúdo através das relações (comerciais, políticas, navais) estabelecidas entre Cuxe e Egito. Por exemplo, trabalhar o período em que Cuxe dominou Egito. Sem dúvida, o Egito é mais conhecido no trajeto escolar dos alunos, dessa forma ele poderá estabelecer uma

conexão de temporalidade com os Cuxitas:

Quando o domínio dos cuxitas sobre o Egito chegou ao fim, tudo leva a crer que os egípcios trataram, rapidamente, de apagar grande parte dos vestígios deixados pelos faraós núbios que ali governaram. A descoberta de alguns monumentos e estátuas de faraós negros encontradas soterradas numa cratera, próximo a ruínas de templos, ao norte do Sudão, por um grupo de arqueólogos da Universidade de Genebra, é prova disso. Muitas estátuas estavam violentamente destruídas, continham cabeças e pés esmagados. O pesquisador suíço Charles Bonnet, comentou, ainda que os egípcios, não contentes somente em conquistar o reino de Cuxe, tentaram aniquilar os vestígios deixados por este povo guerreiro, que com muita bravura, reinou em seus territórios. (CUNHA & GONÇALVES, 2008, p. 5-6)

Todavia podemos chamar a atenção dos alunos que em Cuxe havia as Candaces (rainhas – mães) que assumiam o poder político e religioso. O papel feminino era valorizado desempenhando funções como sacerdotisas como Amenirdis I, irmã de Pianki, Chepemipet II, filha de Pianki e Amenirdis II, filha de Taharca. Como aponta os autores Cunha e Gonçalves (2008, p.13) para a presença das Candaces núbias, podemos inferir que pela perda de contatos com a História dos nossos antepassados deixamos de valorizar o matriarcado e a liderança feminina, logo sofremos várias rupturas no presente:

O reinado da rainha Shanakdakhete (cerca de 170 a 160 a.C.) parece ter sido um período de afirmação do poder de um matriarcado tipicamente local. Num edifício dedicado ao nome da soberana, em Naga, estão gravadas inscrições em hieroglíficos meroíticos que se conta entre os mais antigos de que se tem notícias. (...) (...) Duas rainhas tiveram na época especial destaque: Amanirenas e Amanishakento. Seus maridos foram figuras apagadas, e nem sabemos o nome de quem se casou com a segunda. Durante alguns anos, o trono foi ocupado por um rei, que até então fora o Príncipe Akinidad, filho da Rainha Amanirenas e do Rei Teriteqas. (...) Ambas tinham o título de Candace, transcrição do título meroítico Kdke na tração dos autores clássicos (LECLANT, 1979, p.56 apud CUNHA & GONÇALVES, 2008, p.13).

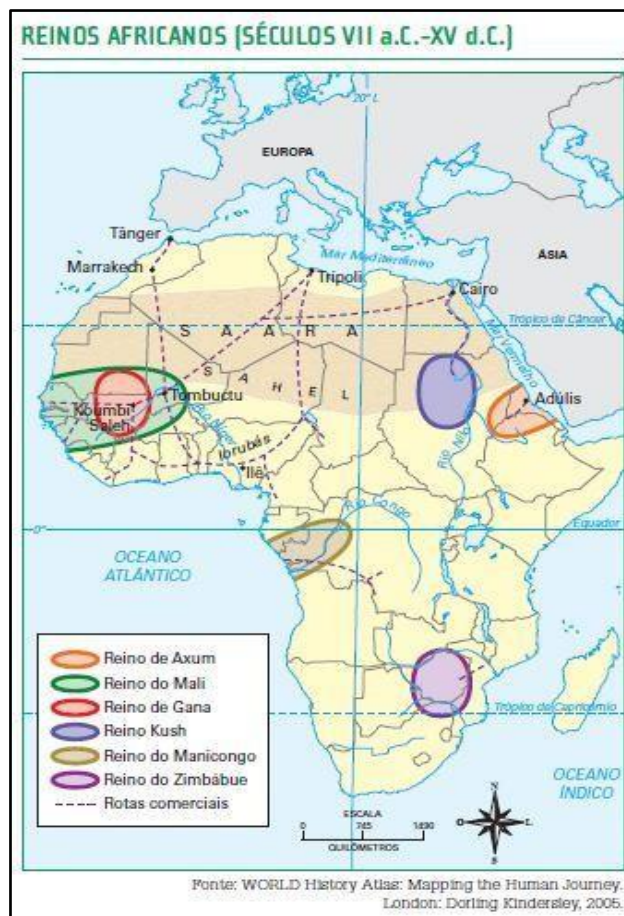
Haja vista também que a mulher tem um papel importante na sociedade atual. A luta histórica e social por seus direitos e uma equidade nas relações desempenhadas nos mostra os avanços e conquistas em valorizar o papel feminino em sociedade. Entendemos como geração do século XXI que somos os mais dotados de inteligência e somos o futuro. Para tanto nos orgulhamos em ser a sociedade que entende o valor e importância dos direitos iguais entre os gêneros masculinos e femininos.

Em progressiva análise destacamos o reino de Axum com suas relações de ordem política, bélica e com forte atuação marítima. A respeito da localização de Axum Silva (2011, p.187) descreve “Uma delas desenvolveu-se mais depressa que as demais: Axum. Ou Aksum. Ou Aguaxumo. Ficava na parte ocidental do planalto do Tigrê, numa área de solos bem regados e de fácil acesso ao mar Vermelho e ao Nilo.”



Fonte: www.suaPesquisa.com

A seguir podemos ver no mapa a proximidade geográfica dos territórios de Kush e Axum que possibilitou o contato e influência mútuas entre estes povos:



Fonte: www.cursoenemgratuito.com

A segurança das fronteiras no século XXI é assunto recorrente no mundo Ocidental moderno e nas mídias, que envolvem nações vizinhas, interesse de ordem política, social e econômica. Segundo atesta Alberto da Costa e Silva (2011 p.191) o Reino Africano de Axum já dominava a arte da negociação política com outros reinos e impérios para assegurar seus interesses, sendo um importante centro comercial, que se destacou principalmente pelo policiamento e controle do Mar Vermelho contra a pirataria, o que agradava muito os romanos, pois ambos se beneficiam dessa proteção. Nessa troca de benefícios ambos se apoiavam e mantinham a segurança das mercadorias via marítima e também das fronteiras. O autor ainda destaca a expansão do reino de Axum, seu fortalecimento bélico e econômico:

Ao combater a pirataria, Axum consolidou seu poder sobre o litoral africano do mar Roxo. Em breve, expandiria sua influência sobre as praias que lhe ficavam defronte. (...) No decorrer das lutas, Axum incorporou ao seu domínio parte do Iêmen e assenhorou-se do Bab-el-Mandeb. Seus territórios sul-árabes expandiam-se ou se encolhiam, conforme os azares da guerra, mas se esforçava sempre por manter a porta do mar Vermelho em suas mãos. (...) Na segunda metade do século III, a cunhar moedas. De ouro, prata e bronze. Isso talvez tenha obedecido a razões de prestígio, mas é mais provável que resultasse das exigências de um comércio externo em grande desenvolvimento, que se acostumara ao dinheiro metálico como meio de troca e reserva de valor, tanto assim que se encontraram, em escavações no norte da Etiópia,

moedas romanas, sabeas e indianas dos séculos II e III. (SILVA, 2011, p.191-192)

Podemos destacar também a tradição dos Axum em construir Estelas. Segundo a linha de pensamento de alguns historiadores, as “Estelas” seriam erguidas para os deuses e reis. Um monumento gigantesco em granito talhado podendo chegar a altura de 33 m, em algumas havia um altar para oferecer sacrifícios aos deuses, podiam também conter inscrições e desenhos, podendo sinalizar para a crença de vida após morte. É notório que o contato entre os povos ou mesmo o incremento de um determinado ponto da cultura, ocorreu ao longo dos séculos da humanidade. Hoje um dos grandes problemas da nossa sociedade é a xenofobia, o desrespeito em aceitar que o outro tem a liberdade de escolher em que acreditar. Explicar para o aluno do 6º ano que durante os séculos vários povos e culturas tiveram suas próprias religiões, seu modo de se conectar com o sagrado, e nenhuma dessas civilizações estavam erradas, mas eram diferentes. Assim como hoje temos várias matrizes religiosas diferentes, devemos praticar o respeito a crença do outro.

Atualmente se fala muito em globalização, ou seja, os povos e diferentes culturas podem compartilhar valores universais comuns para o bem do homem em sociedade, como a solidariedade, fraternidade e união. Assim uma música rapidamente atinge diferentes continentes, diferentes culturas através da Internet.

Nas sociedades passadas esse compartilhamento também ocorreu como foi o caso dos Axumitas, em relação a aspectos da religião Cuxita, que assimilaram determinados deuses a sua religião. Partindo deste ponto Alberto da Costa e Silva (2011, p.196) evidencia “O sangue humano — diz a tradição — era também derramado em sacrifício a um deus-serpente, Arue, que primeiro reinou sobre a Etiópia. Este deus-serpente talvez integrasse o corpo de antigas crenças cuxitas, que continuaram vivas nas camadas populares” (p.196). Podemos entender que tanto os Axumitas quanto os Cuxitas trocaram saberes, aspectos da religião. A respeito das estelas reafirmarem a grandeza dos Axumitas, até nos eventos fúnebres, vale destacar que as pirâmides egípcias também tinham a finalidade de guardar os corpos dos faraós. Para tanto a respeito das imponentes estelas Silva (2011, p.196) na obra *A enxada e a Lança* destaca:

As mais altas e as mais bem talhadas das grandes estelas encontravam-se na cidade de Axum. De uma plataforma monumental subiam sete enormes obeliscos, dos quais só um continuou de pé. Este tem 21m de altura. (...) Tampouco se sabe para que serviria a enorme laje, sustentada por grossos pilares, que fica ali próxima. Dá-se a esta espécie de mesa gigantesca o nome de Nefas Mawcha. Pesa cerca de duzentas toneladas. E tem 17,3m de comprimento por 6,5m de largura e por mais de um metro de espessura. Cedeu terra adentro, quando sobre ela caiu a maior de todas as estelas — uma estela com 33,5m de altura, 13 andares e 750 toneladas, provavelmente o maior bloco de pedra jamais cortado, esculpido e posto de pé no mundo antigo. (SILVA, 2011, p.196)

Obras monumentais que eram feitas sem os equipamentos de engenharia moderna. A inteligência deste povo serve como inspiração para chamar a atenção da perfeição de suas engenharias. Obras gigantescas e complexas faziam parte das sociedades passadas que exigiam conhecimentos matemáticos, físicos, e de engenharia. Dessa forma, os absurdos de que em África não tem descobertas e conhecimentos, sendo os negros provenientes de um povo ignorante e leigo não é verídico.

Cabe destacar o conteúdo do reino de Axum viabilizará o aluno do 6º do ensino fundamental a conhecer outras sociedades com suas relações complexas, a partir de trocas comerciais, religiosas, fazendo-o comparar com a sociedade em que vive, e o mais importante que tais relações não estão pautadas somente na atualidade, mas que outros povos que viveram anteriormente obtiveram êxito comercial, abrangeram seus territórios e conquistaram avanços importantes que penduram até os dias atuais.

Em última instância, é de suma importância que os alunos conheçam a sociedade de Cartago que também foi um importante centro comercial. A respeito da localização de Cartago Macedo aponta (2014) para o comercio ao norte da África com um movimento pulsante feito por caravanas no deserto que propiciou o surgimento da cidade de Cartago, o autor destaca” A fixação e desenvolvimento de mercadores de origem síria na cidade de Cartago, situada na atual Tunísia, transformou o local num polo comercial dinâmico que, na metade do primeiro milênio a.e.e., controlava uma vasta área de influência comercial” (p.47).



Fonte: www.nucleodoconhecimento.com

Segundo Macedo (2014, p.47) a circulação de produtos, através do deserto do Saara, possibilitou o surgimento da cidade de Cartago, que se desenvolveu através do comércio entre Fenícios e romanos que revendiam principalmente o marfim. Neste contexto, o autor destaca uma das razões para o domínio do Cristianismo nesta área, resultante da derrota numa guerra de Cartago com os romanos:

A rivalidade entre o expansionismo romano e o expansionismo cartaginês é bem conhecida dos historiadores europeus. Costuma ser enfocada no episódio conhecido como Guerras Púnicas. A derrota de Cartago em 146 a.e.c colocou toda a África Mediterrânea sob o domínio romano, o que explica o desenvolvimento da cultura latina e inclusive do Cristianismo nessa área cultural desde muito cedo. Ao norte da África, viveram pensadores fundamentais ao Cristianismo, entre os quais Tertuliano (160 -220 e.c), que foi bispo de Cartago, e Aurélio Agostinho (354 – 430 e.c), que nasceu em Tagast, na atual Argélia, e foi bispo de Hipona. Sua obra máxima, chamada a Cidade de Deus, permanece como referência obrigatória do pensamento cristão latino. (MACEDO, 2014, p. 47)

Ademais a cidade de Cartago, em seu caráter expansionista, teve que contar com um exército para assim garantir as inúmeras vitórias, nas guerras contou ainda com o auxílio de estrangeiros, em primeira instância no caráter de mercenários e, posteriormente, também em condição de acordos com outros povos, tal tática se mostrou eficaz para garantir os números de

soldados necessários nos exércitos. Desse modo o autor B.H. Warmington (2010, p.452) destaca “Inicialmente mercenários e depois aliados em virtude de tratados, também as cavalarias númida e mauritana (originárias do norte da Argélia e do Marrocos atuais) forneceram importantes contingentes aos grandes exércitos cartagineses”. Uma tática de guerra muito importante e inteligente, visto que um exército vitorioso garantia sucesso econômico e estabilidade a cidade, a proteção do território pelo exército era garantia de paz e prosperidade. O impacto de uma guerra é devastador em qualquer tempo histórico, como também nos dias atuais, a garantia de um exército que imponha poder e força foi uma das estratégias da cidade de Cartago, Wasmington (2010, p.452) acrescenta “Essa política se revelou mais eficaz do que geralmente se pensa e é improvável que Cartago pudesse sustentar as longas guerras de sua história se tivesse contado apenas com os limitados efetivos de sua própria população” (p.452).

Vale frisar que Cartago se tornou um império forte e havia muitas colônias sob seu domínio resultado de seu expansionismo, que contavam com funcionários e instituições semelhantes à de Cartago, como as colônias de Gades, Tharros por exemplo. Tais cidades pagavam altas taxas sob a importação e exportações de mercadorias. A esse respeito o autor Wasmington (2010, p.455) acrescenta “também é provável que tenham contribuído para equipar a frota cartaginesa. Após 348, parece que foram proibidas de comerciar com outras cidades além de Cartago” (p.455). Abordar as taxas cobradas pela mercadoria no comércio cartaginês pode ser usado para explicar as crianças que a lógica capitalista atual sobrevive também com base nos impostos e a relação comercial dos diferentes países.

As contribuições dos reinos antigos africanos Kush, Axum e Cartago são múltiplas para serem abordadas em sala de aula. Podemos perceber que através do Ensino da História da África Antiga os profissionais da educação podem levar para sala de aula conteúdos que são atemporais, que auxiliarão no desenvolvimento dos alunos. Estes que por sua vez, aplicarão os conhecimentos adquiridos em sala no seu bairro e comunidade, o que contribuirá para formar um cidadão consciente, com uma visão mais humanitária e democrática com seu semelhante, entendendo desde criança que o outro deve ser respeitado igualmente, que as diferenças não excluem, mas agregam.

Assim, é fundamental ensinar os saberes dos povos Kush, Axum e Cartago. Através de Kush o aluno aprender ensinar sobre a contribuição feminina através das Candaces, sobre a prática do comércio e as relações dos Cuxitas com outros povos. Consequentemente, o discente ter um leque de conhecimentos formativos e também cognitivos. Mostrar os feitos e conquistas do passado nos torna mais conscientes como sujeitos adultos que deseja transformar a sociedade através da educação. Mas como transformar se não ensinarmos ou apontarmos para as

contribuições do passado?

Não devemos esquecer que os reinos africanos são mais significativos para o estudante brasileiro, visto que estará estudando e entendendo sua própria história, ocupar mais da metade do currículo escolar com a história da Europa pode causar um estranhamento no aluno e até um desinteresse. Estudar a história do outro sem ter posse de conhecimentos da sua própria etnia causa um déficit no processo de ensino-aprendizagem. Reconhecer como importante o povo de Axum é reforçar que os africanos deixaram um legado rico em descobertas, invenções, contribuições para o tempo presente. O que ajuda e muito a desconstruir as visões pejorativas de África, sempre atrelada a fome, escravidão, miséria humana.

Outrossim, Cartago vem nos ensinar questões de fronteira, negociações comerciais importantes, visto que no século XXI as relações de poder dependiam de uma economia forte e da diplomacia com outros povos. Estudar Cartago serve para enaltecer o passado e também para estabelecer comparações com o presente, e nos torna mais conscientes do que somos, mais inclusivos quanto a reconhecer outros povos.

O Ensino da História da civilização Kush, Axum e Cartago como parte efetiva do currículo do aluno é fundamental para abranger conhecimentos acerca da origem, imponência destes povos, colocando à disposição conhecimentos de outras culturas e tempos distintos, provocando no aluno uma reflexão e comparação necessária para ativar suas habilidades, a fim de horizontalizar a margem e perspectiva de mundo do discente. Esse contexto irá ser viável através da disponibilidade do Ensino de História da África Antiga para o aluno compreender a si próprio, a seus pares e agir politicamente no local onde está situado.

Dessa forma, o Ensino de História da África Antiga é um importante pilar na formação de cidadãos conscientes e reflexivos com relação a sociedade ao qual pertencem. Sendo assim a educação e o Ensino de História de Kush, Axum e Cartago aprimoram a compreensão frente às mudanças do presente, visto que somos sujeitos sociais, dinâmicos e necessitamos refletir acerca das mudanças vivenciadas na atualidade.

3. A HISTÓRIA DA ÁFRICA EM ANÁLISE NO LIVRO DIDÁTICO DO ENSINO FUNDAMENTAL ANOS FINAIS TELÁRIS (2018)

O Ensino de História para os alunos do Ensino fundamental é uma oportunidade única no trajeto escolar do aluno. No 6 ° ano do ensino fundamental (anos finais) se forma a base de compreensão e contato com conceitos e noções históricas como a História dos povos antigos africanos como subsídio para aprendizados futuros. Circe Bittencourt (2018, p.127) destaca a respeito da inserção deste ensino que ainda tem desafios “As transformações da História têm sido constatadas por pesquisas recentes, e enfrentam constantes desafios para se efetivarem, como a inclusão da história da África e da cultura afro-brasileira”. Logo o gradativo ensino de História dos povos de Kush, Axum e Cartago é um avanço positivo para superar os danos de décadas de silenciamentos.

Não obstante a tal importância necessita se inicia em sala de aula o convívio latente com tais informações históricas e o desenvolvimento de diálogos acerca dos aprendizados dos povos antigos, como o modo de organização destas sociedades, modo de vida, que em certa medida e contexto se aproxima da nossa sociedade presente. Assim, as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-brasileira e Africana (2005) apontam para o oferecimento de uma educação de qualidade a todos os indivíduos “Políticas de reparações voltadas para a educação dos negros devem oferecer garantias a essa população de ingresso, permanência e sucesso na educação escolar, de valorização do patrimônio histórico-cultural afro-brasileiro” (p.11).

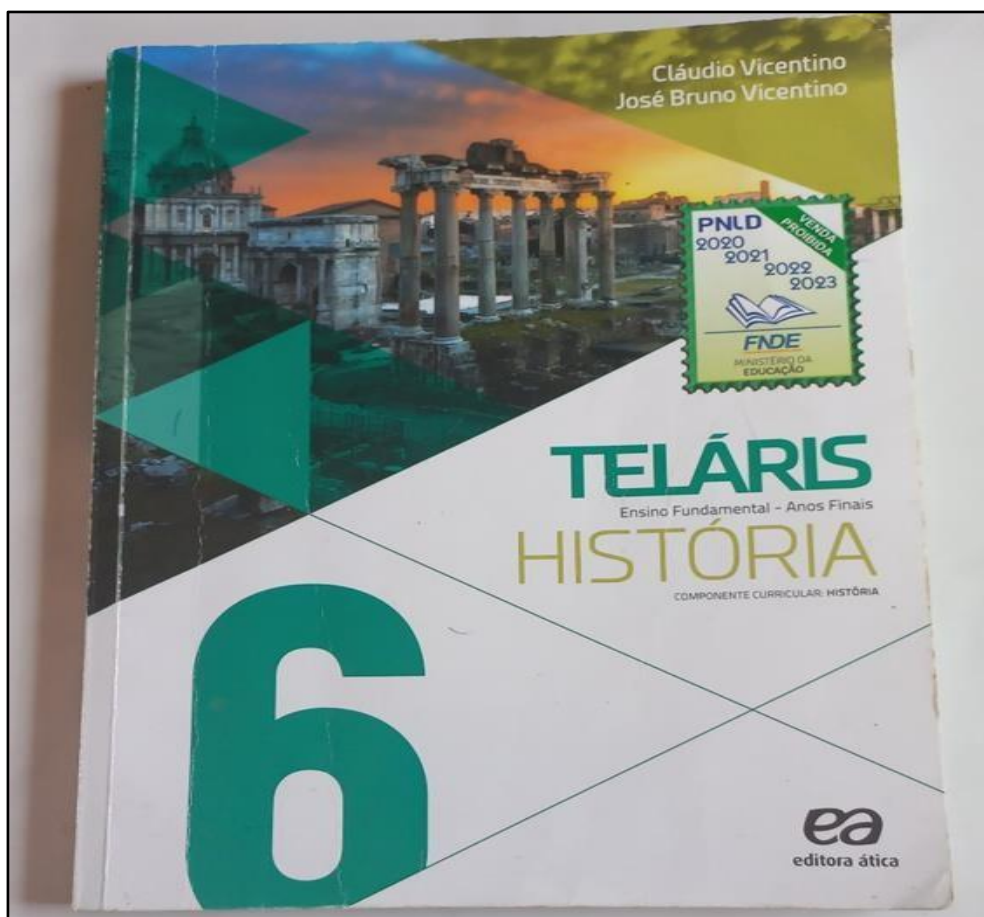
Como indivíduos do presente estamos sujeitos a conflitos sociais, interagimos com outras culturas do nosso tempo. Partindo desta compreensão seguimos a análise no livro didático Teláris (2018) adotado na escola Municipal Santo Antônio, em São José de Ribamar, com o objetivo de perceber como os povos da África antiga, Kush, Axum e Cartago, são abordados e qual o impacto dessa abordagem no aprendizado dos alunos a respeito da História Antiga.

É importante destacar que no 6º ano do ensino fundamental da escola Municipal Santo Antônio o principal recurso metodológico utilizado durante as aulas é o livro didático. Portanto, podemos constatar uma clara dependência do que está posto no livro e o que será passado aos alunos, visto que a escola não dispõe de internet para oferecer outros subsídios que auxiliem os alunos ou complemente os conteúdos descritos no livro didático durante a ministração das aulas pelo professor. O sexto ano na escola é dividido em duas classes a “A e B”. Tive contato com os alunos desde o dia 04/04/2022 na ocasião ministrei aulas na condição

de estagiária para o Ensino fundamental, desde então frequento a escola assiduamente para diferentes fins, desde trabalho voluntário ao estágio de gestão. Tal contato viabilizou uma aproximação com o objeto da pesquisa e para coleta de dados.

Cabe dimensionar que o aluno do 6º ano tem pouca criticidade, cabe ao professor o papel fundamental de orientar os alunos na construção de saberes. Para melhor aproveitamento das aulas o professor recorre a um material comum a todos em sala de aula que é o livro didático, sem outro material disponível fica clara a dependência, que poderá comprometer a formação do aluno, a depender do que está alinhado no livro e se o professor não tiver outro material como acesso a internet, Datashow, não dará conta de expor tudo somente no quadro branco, logo o aluno poderá ficar sem conhecimentos imprescindíveis a sua formação.

A seguir imagem da capa do livro didático Teláris (2018)

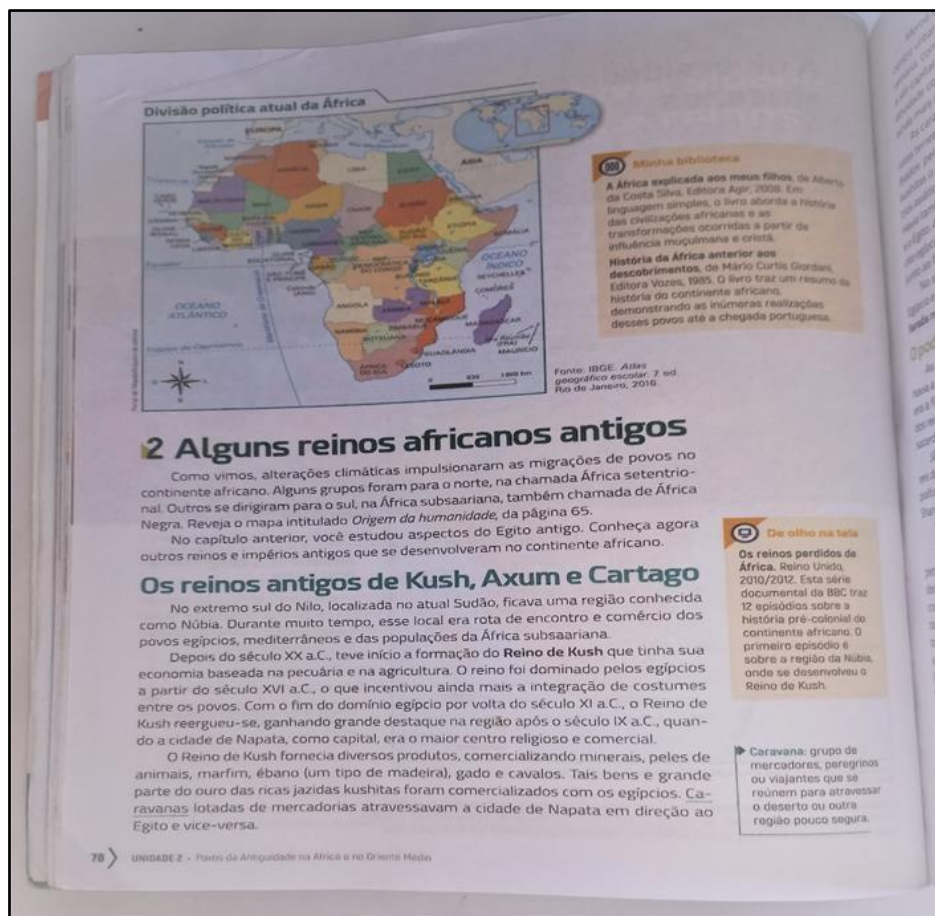


Fonte: VICENTINO, Cláudio, José Bruno: Teláris História, 6º ano: ensino fundamental, - - 1.ed. - - São Paulo: Ática, 2018.

Os autores do livro didático são Cláudio Vicentino e José Bruno Vicentino, o primeiro é bacharel e licenciado em Ciências Sociais pela Universidade de São Paulo (USP), é professor de História do Ensino Médio e de cursos pré-vestibulares, o autor também produz obras

didáticas e paradidáticas para o Ensino Fundamental e Médio. O segundo autor é bacharel e licenciado em História pela Pontifícia Universidade Católica (PUC-USP), é professor de História do Ensino Fundamental e Médio, cursos pré-vestibulares, é autor também de obras didática para o ensino fundamental e Médio. A editora do livro Teláres (2018) é a editora Ática com a primeira edição em São Paulo, 2018.

O primeiro contato com os reinos de Kush, Axum e Cartago no livro didático (Teláris, 2018, p.78) se inicia na metade de uma página e não no início da página com maior destaque, ficando assim a uma condição de segundo plano. Outra observação que se faz é a generalização dada ao se tratar destes povos como “Alguns reinos africanos antigos”. Na página 78, que dá início ao conteúdo de Kush, Axum e Cartago, o autor retoma ao capítulo anterior que tratou do Egito “No capítulo anterior, você estudou aspectos do Egito Antigo”, mais uma demonstração de descentralidade do assunto. Só para frisar tal informação, foi concedido um capítulo inteiro somente para o estudo do Egito, portanto, não é estranho que os alunos do ensino fundamental, e até no ensino médio, saibam mais informações do Egito, não atrelado ao continente africano, o que se torna um problema na medida que os alunos também não têm uma formação sobre outros povos africanos como Kush, Axum e Cartago. Quando o professor aborda em sala de aula tais reinos, é feito a partir de generalizações não havendo efetivação dos conhecimentos. Apenas em meia página o livro aborda a localização, formação do reino de Kush, comércio, tudo de maneira simplificada. Como podemos observar na imagem abaixo (Teláris, p.78, 2018):



Fonte: VICENTINO, Cláudio, José Bruno: Teláris História, 6º ano: ensino fundamental, - - 1.ed. - - São Paulo: Ática, 2018.

Na página seguinte os autores do livro didático Teláris (2018, p.79), Cláudio Vicentino e José Bruno Vicentino, continuam abordando o conteúdo de Kush dando destaque para o poder das rainhas – mães Kushitas ou seja, as candaces. Dando destaque para a importância destas sacerdotisas e o papel político relevante sendo mães ou esposas dos reis. Podemos salientar que nesta página tem informações contundentes a respeito das candaces, observa-se ainda que no pouco espaço reservado ao conteúdo de Kush, a metade foi designado a abordar o matriarcado desenvolvido em Kush, logo os autores destacam os nomes de importantes rainhas – mães que assumiram o trono em Meroé: Amanitore, Shanakdakhete, Amanirenas e Amanisshakento. Cabe ressaltar a importância de citar os nomes, pois é fundamental para iniciar a compreensão dos alunos sobre o fato que as mulheres também governam, em Kush o papel feminino era político, religioso e de articulação. Fornecendo principalmente para as alunas que elas podem desempenhar qualquer papel na sociedade, que o lugar da mulher perpassa desde os tempos antigos africanos como sinônimo de poder em diferentes camadas das sociedades. Este ponto das rainhas-mães é um conteúdo muito interessante para ser trabalhado em sala de aula e que

certamente contribuirá para a formação educacional dos alunos, mas também para sua formação cívica.

Em destaque a imagem da segunda página do livro didático Teláris (2018, p.79):

Meroé, outra cidade de Kush, tornou-se um centro urbano com grandes edificações de alvenaria, como palácios e pirâmides, passando a ser capital do reino depois do século VII a.C. A atividade comercial em Meroé com o Egito foi ainda mais intensa que em Napata.

As caravanas se reorganizaram em novas rotas terrestres e marítimas, com portos espalhados pelo mar Vermelho, permitindo aos kushitas o contato com gregos, indianos e outros asiáticos, que navegavam por essa região. Havia também intercâmbio cultural entre Kush e o Egito. Alguns kushitas faziam parte do exército egípcio e exerciam funções administrativas junto ao faraó.

No século VIII a.C., o Reino de Kush aproveitou-se das crises do Novo Império Egípcio e conquistou a cidade egípcia de Tebas. Foi o início do **governo kushita**, ou **dos faraós negros**. Eles constituíram a 25ª dinastia no Egito.

O poder das rainhas-mães kushitas

As mulheres ocupavam papel de destaque na sociedade de Kush. Em Meroé, havia a tradição matrilinear, assim como ocorria em outros lugares da África. Ou seja, era a filiação por parte de mãe que determinava a sucessão do reino. Os familiares dos reis exerciam diversas funções importantes: suas filhas e irmãs eram nomeadas sacerdotisas (espécie de soberanas espirituais) do Templo de Amon.

Já as **candaces**, conhecidas como **rainhas-mães**, eram esposas ou mães dos reis de Kush; participavam na escolha dos governantes e os ajudavam nas decisões políticas. Algumas delas chegaram a assumir o trono em Meroé, como Amanitore, Shanakdakhete, Amanirenas e Amanishakento, entre outras.

Saiba mais sobre as candaces no texto a seguir.

O reinado da rainha Shanakdakhete (cerca de 170 a 160 a.C.) parece ter sido um período de afirmação do poder de um **matrarcado** tipicamente local. Num edifício dedicado ao nome da soberana, em Naga, estão gravadas inscrições em hieroglíficos meroíticos que se contam entre os mais antigos de que se tem notícia. [...] Duas rainhas tiveram na época especial destaque: Amanirenas e Amanishakento. Seus maridos foram figuras apagadas, e nem sabemos o nome de quem se casou com a segunda. Durante alguns anos, o trono foi ocupado por um rei, que até então fora o Príncipe Aknidad, filho da Rainha Amanirenas e do Rei Teritegas. [...] Ambas tinham o título de Candace [...]. [...] Os nomes de Aknidad e da Rainha Amanishakento estão inscritos no templo T em Kawa, e acredita-se ter pertencido à rainha um palácio descoberto há poucos anos em Uad, em Naga, bem próximo ao rio. Sua sepultura na **necrópole** norte de Meroé é de grande beleza. Sua pirâmide [...] é uma das mais imponentes da antiga cidade.

LECLANT, Jean. Kush, o reino que durou mil anos. *Correio da Unesco*, v. 7, 1979, p. 56.

Pirâmides e templos funerários do Reino de Kush, em Meroé, atual Sudão. Foto de 2015.

Estela da rainha Amanishakento, produzida no século I. À esquerda, a deusa egípcia da proteção, Anesem, que abraça a rainha.

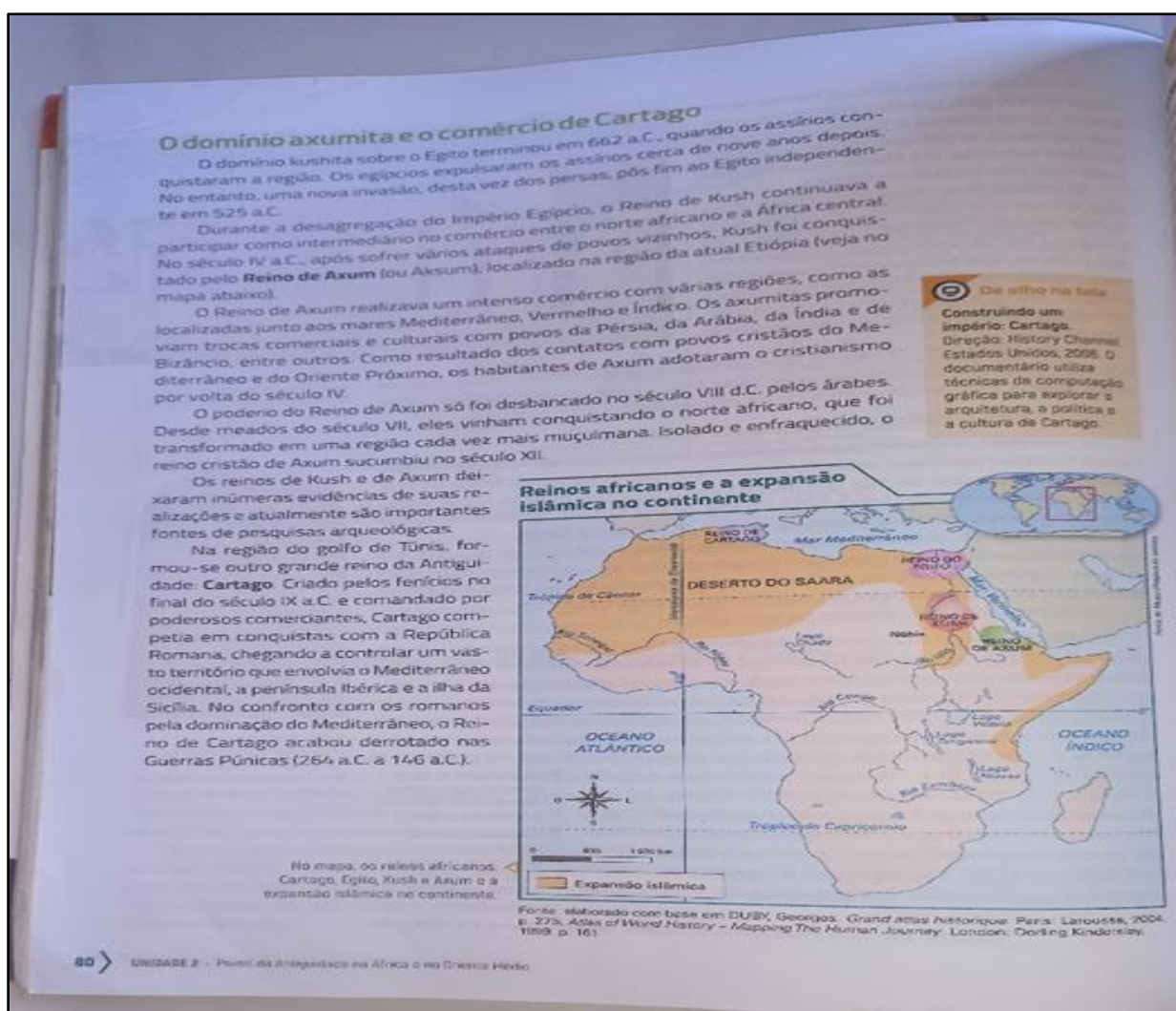
- ▶ **Matrarcado:** sistema social no qual a mulher exerce autoridade sobre a família ou grupo.
- ▶ **Necrópole:** parte da cidade dedicada a enterrar os mortos; espécie de cemitério das cidades antigas.

África: diversidade de povos e reinos - CAPÍTULO 5 79

Fonte: VICENTINO, Cláudio, José Bruno: Teláris História, 6º ano: ensino fundamental, - - 1.ed. - - São Paulo: Ática, 2018.

Em seguida temos a última página com os conteúdos de kush, Axum e Cartago. Nesta página do livro didático Teláris, os autores abordam conjuntamente os dois reinos africanos de

Axum e Cartago. Criticamente observamos que é um espaço pequeno para enfocar um reino, quanto mais dois na mesma página. Abordar em linhas abrangentes além da perda de conteúdos já sinaliza para o aluno como aqueles conteúdos são “menos importantes”. Como sendo o principal material ainda utilizado, se observa a seleção de conteúdo a serem ensinados e aprendidos. No entanto, a falta de historicidade dos reinos africanos traz uma perda incalculável para a vida do aluno, sobretudo com relação a formação de sua identidade. Os afrodescendentes não terem referências curriculares da historicidade de seus antepassados:



Fonte: VICENTINO, Cláudio, José Bruno: Teláris História, 6º ano: ensino fundamental, - - 1.ed. - - São Paulo: Ática, 2018.

Há uma carência de conteúdos sobre os povos da África antiga, em especial Kush, Axum e Cartago. Tais conteúdos podem fomentar a criticidade do aluno, ao entender a história da humanidade, na afirmação de suas identidades, entendendo as diferenças no tempo cronológicos.

Sendo assim se conclui que o livro didático Teláris (2018) utilizado no 6º ano do ensino

fundamental da Escola Municipal Santo Antônio não aborda os conteúdos de Kush, Axum e Cartago na densidade necessária para ser aplicado aos alunos. O que se constatou foram os conteúdos sendo tratados como segunda opção, seja por não estar em evidência tanto na abordagem quanto na quantidade de páginas destinadas ao assunto, se resumindo a duas laudas e meia. Logo podemos discutir a perda de conhecimentos que o aluno não terá, sendo que no 6º ano deveria ter acesso ao ensino destes povos antigos do continente africano, seja para entender o contexto dos conteúdos seguintes, a situação atual da África ou mesmo para valorização da cultura do povo afrodescendente. Pois, abordar África somente com ênfase só na temática da escravidão deixará o aluno “perdido historicamente” no que concerne a cronologia dos fatos.

Apesar da lei 10. 639/2003 regulamentar e incentivar o Ensino de História dos povos afrodescendentes ainda persiste um enorme desafio para que seja uma realidade presente nas salas de aulas. A cultura escolar de se validar o que está no livro didático reflete ainda um atraso posto nos livros didáticos utilizados em pleno século XXI, um reflexo da nossa sociedade e das políticas educacionais que privilegiam a História clássica europeia e deixa à margem a historicidade de outros povos. Já temos as primeiras conquistas sendo realidade, a saber: a lei 10. 639/2003 e novos profissionais do magistério que já saem da universidade com essa formação e com um novo olhar para a educação.

3.1 Pesquisa realizada com os alunos do 6º ano do Ensino Fundamental da Escola Municipal Santo Antônio – São José de Ribamar/MA

Diante das análises realizadas no livro didático Teláris (2018) se fez necessário aplicar a pesquisa junto aos alunos para saber a percepção de seus conhecimentos frente aos conteúdos de Kush, Axum e Cartago e quais os impactos do livro didático no processo de formação destes sujeitos. A lei 10.639/03 prevê o Ensino de História dos povos afrodescendentes e traz uma contribuição significativa para a construção de uma sociedade que valoriza sua historicidade, que tem na democracia a igualdade de oportunidades a todos os sujeitos, Bittencourt (2018, p.142) afirma que “a História da África e das culturas afro-brasileiras e a História dos indígenas por intermédio das leis 10.639/03 e 11.645/08, estão em processo de integração em currículos ainda submetidos à lógica eurocêntrica” contudo a autora destaca para os avanços no exercício político, democrático e até mesmo cultural. Os gráficos a seguir são provenientes da condensação dos dados coletados no processo de observações e diálogos com os alunos desde o mês de abril. No dia 13/10/2022 foi aplicado um questionário junto a 50 alunos do 6º A e B

da Escola Municipal Santo Antônio, com finalidade de perceber a relação destes alunos com a História dos povos africanos, particularmente, sobre os reinos de Kush, Axum e Cartago, a relação deles com o livro didático, a contribuição do Ensino de História para a sua formação, dentre outras questões, como se observa na imagem:

Escola Municipal Santo Antônio
 Professora: Leidaiane Santos - UEMA
 Nome: _____

Questionário de História aos alunos do 6º ano do fundamental

1 – Você considera importante a disciplina História, por quê?

2 – O que você conhece de África?

3 – O Ensino de História contribui para a sua formação dentro e fora da escola?
 Justifique _____

4 - Você já ouviu falar nos povos Kush, Axum e Cartago?

5 – Você faz uso do seu livro didático? Justifique a importância do livro didático para sua aprendizagem

6 – O seu professor de História tem passado conteúdo dos povos antigos africanos (Kush, Axum, Cartago) ou de outros povos africanos que lhe chamou mais a atenção?

Fonte: Imagem do autor

A primeira questão se concentrava na identificação dos alunos com a disciplina História. Pois se entende que é nesta etapa, durante o ensino fundamental maior, que ocorre início da formação dos sujeitos, da conexão pessoal e científica com a disciplina História. Desde o 6º ano e se inicia o processo que vai até o 9º ano, quando termina o ensino fundamental maior, portanto esse vínculo entre o aluno e a disciplina História deve ser fomentado nesta etapa do processo de ensino, os levando ao amadurecendo dos conhecimentos, para entender as primeiras reflexões e importância da área de História.

A pesquisa foi aplicada nas duas classes do 6º ano com a somatória de 50 alunos que responderam ao questionário. A primeira pergunta foi “Você considera importante a disciplina de História?” Do que se constatou 92% dos alunos consideram importante a disciplina História,

ou seja, os alunos em grande maioria expressam reconhecer na História uma importância para a sua vida, seja por aptidão pessoal ou contribuição que a disciplina aplica a vida destes estudantes na escola ou fora dos muros da instituição. Tal dado merece destaque por evidenciar que podemos gerar transformações a partir do ensino de História na sala de aula para a sociedade. As crianças e adolescentes são reflexos da sociedade que manifestaram a importância da História reconhecendo que ela causa diferença no corpo social.

Ademais, a partir de uma análise mais cuidadosa nas respostas dos discentes podemos observar algumas justificativas interessantes como: “Sim, por que sem a História, não teríamos os fatos”, apontando para a necessidade de conhecer os fatos históricos que a História propicia a todos, conhecer o passado para entender o presente. Outra resposta instigante foi: “Sim, porque a gente pode descobrir o que aconteceu no passado e aprender com outras culturas”, nesta resposta podemos perceber que o aluno entende a conexão entre a História dos povos passados sendo aplicada no presente, uma contribuição imensa de percepção do aluno, que aponta para a finalidade de provar que a História de povos antigos africanos como Kush, Axum e Cartago contribui desde o aluno do 6º ano a toda a sociedade.

Outro ponto dos dados colhidos diz respeito ao público de alunos, cerca de 8%, que atribuem não importância a disciplina de História, um dado que merece destaque, visto que a educação deve ser a todos e cabe aos professores dá uma maior atenção a tal público para



fazerem compreender a importância da História no percurso escolar e na formação dos cidadãos.

Fonte: Imagem do autor

O gráfico seguinte mostra a somatória dos dados da questão “O que você conhece de África?”. Um desafio enorme abordar tal temática, pois previamente temos a consciência dos estereótipos atribuídos ao continente africano e as respostas dos alunos evidenciam tais noções negativas, em sua maioria. A fim de selecionar os dados e condensá-los de maneira mais clara para compreensão, foi dividido em 07 grupo de acordo com as respostas colhidas tais como: “fome e pobreza, os africanos e os preconceitos, animais e seca, escravidão, os africanos são obedientes, nada, dentre outras respostas”.

Por conseguinte, os resultados mais expressivos a tal questão demonstra que cerca de 28% dos alunos atrelaram a África a “animais e seca”, podemos supor que o fato das respostas conterem animais, pode ser devido a desenhos animados que quando retratam a África exibem os animais, ou reportagens de tv que retratam a África como lugar somente de seca, podendo ser também devido ao imaginário coletivo que pressupõe a África como território seco.

A segunda resposta mais recorrente, ficando com cerca de 18%, foi “escravidão”. Sendo este o assunto mais emblemático ao se falar de África, até mesmo nas aulas de História. A humanidade tem uma dívida impagável com a África devido a escravidão e ao esfacelamento do território africano. A escravidão se torna um ponto emblemático, pois o colonizador deveria se envergonhar dos atos cometidos e sua descendência reparar minimamente os danos, no entanto, são os afrodescendentes que sentem vergonha de tal passado, talvez por não conhecerem a história dos povos Africanos, seus antepassados de reis e rainhas, com territórios poderosos. Ainda persistem as imagens de África a partir da lógica dominadora do colonizador, que deve ser ocupado como papel secundário. A História africana deve ser contada a partir da lógica dos africanos. Como as crianças do 6º ano irão sentir orgulho de ter uma origem atrelada a dor e sofrimento? Como construir uma identidade positiva se os alunos não têm dimensão do passado grandioso africano?

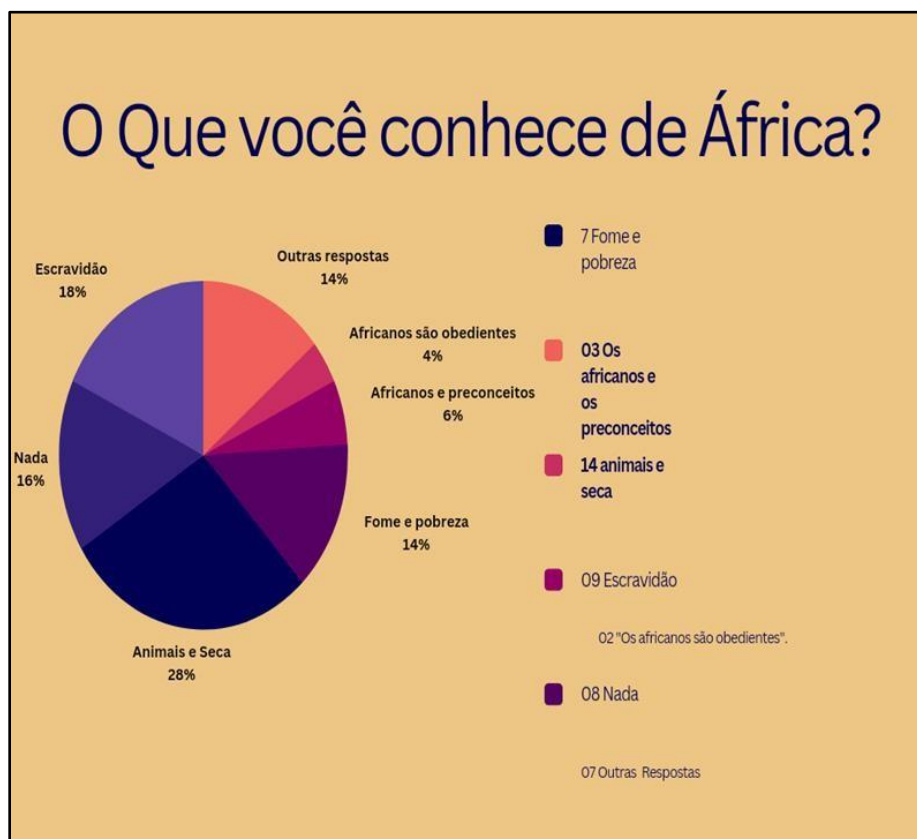
Em terceiro lugar, com 16%, os alunos responderam: “Nada”, uma resposta preocupante ao saber que no final do ano letivo os alunos não conseguiram captar nada para falar de África. Cabe aqui uma reavaliação das abordagens feitas com relação a esses conteúdos, para detectar quais os obstáculos que estão impedindo a aprendizagem dos alunos.

Em quarto lugar com 14%, os alunos apontaram que conhecem sobre a África: “fome e pobreza” como podemos constatar que os alunos do 6º ano só destacam substantivos negativos, as causas para tanto podem ser a uma História ensinada que não valorize o continente africano e

suas contribuições. O imaginário coletivo só conhece a parte menos privilegiada da História africana, ou seja só o tempo presente, sem entender as causas, a falta do ensino de história dos povos antigos que enalteça o passado para se ter orgulho no presente.

Em quinto lugar destacamos também com 14% “Outras respostas”. Nesta seção estão respostas desconectadas como “corpo humano”, “seleção”, “informações”. Em sexto lugar com 6% responderam “os africanos e os preconceitos” uma estatística estarrecedora aos perceber que possivelmente quem colocou essa resposta sinta na pele as ações perversas do racismo estrutural, levando em consideração que aproximadamente 95% do público alvo da pesquisa são negros ou pardos. O que aponta para a necessidade e dever social de ensinar os feitos de grandes civilizações africanas com Kush, Axum e Cartago, no 6º ano.

Em último lugar com 4% a respostas “Os africanos são obedientes” devemos nos questionar como chegamos no ponto das crianças brasileiras apontarem ou reconhecerem os africanos como obedientes. Como a sociedade e a escola contribuíram para os alunos atrelarem africanos e obediência? Qual o caminho para mudar tal realidade, que pode acarretar uma auto rejeição? Somente através da educação, do Ensino de História dos povos antigos para conectar o que está esquecido ou que não ensinado. Entendemos que o ensino de História dos povos Kush, Axum e Cartago em sala de aula resgatará a historicidade, a valorização da cultura afro e uma afirmação da identidade do aluno em ser quem é:



Fonte: Imagem do autor: Imagem do autor

Adiante podemos observar a terceira pergunta: “O Ensino de História contribui para sua formação dentro e fora da escola?” A partir dos resultados colhidos temos em primeiro lugar, com 84% dos alunos, a afirmação que a história contribui para sua formação escolar e a vida cotidiana. Um número expressivo de alunos aponta para a esperança em cobrar e lutar por um ensino de História dos povos antigos africanos, desde o 6º ano, que seja multiétnico e que resgate ligações estabelecidas com a realidade do discente. Assim, o aluno reconhece que o ensino de História está colaborando para formar sujeitos, cidadãos da sociedade. A percepção destes alunos faz referência a necessidade do Ensino de História que englobe todos os povos. Podemos perceber a importância magna do Ensino de História Antiga em algumas respostas, tais como: “Por que através do Ensino de História podemos ser pessoas melhores”, aqui o aluno atribui ao Ensino de História a capacidade de contribuir na formação moral, ética e cívica. Em outra resposta o estudante destacou: “Sim, por que ela está no meu dia a dia”, aqui o discente entende que a História participa e o acompanha como ser social.

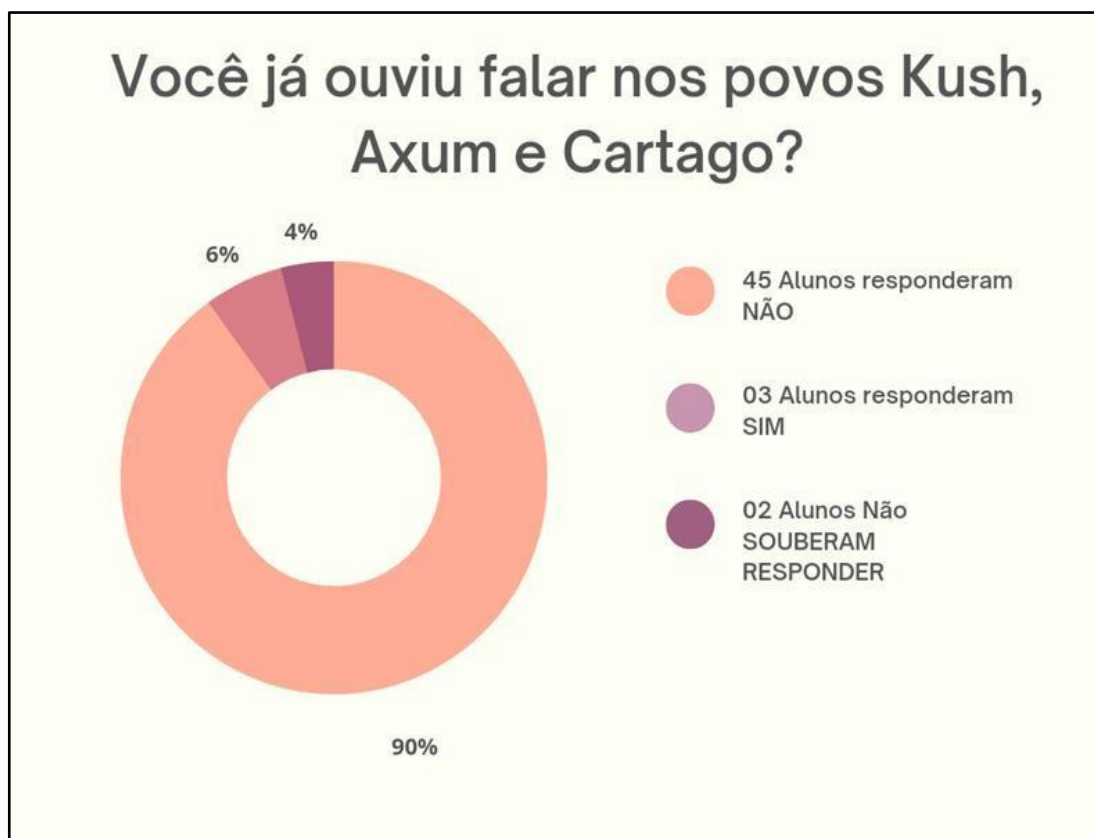
Outro dado da pesquisa temos 10% dos alunos que não souberam responder pois não tinham argumentos para destacar sobre como a História contribui para a formação deles. Fica um alerta para o silenciamento do Ensino de História, que não seja somente focado nas datas comemorativas, nos grandes nomes e fatos para memorização, e sim numa História acessível hoje, que tenha sentido e significância para nossos dias atuais. O aluno precisa compreender o passado para melhor refletir sobre as situações do presente e ver sua contribuição em forma de legados de outras civilizações. Apenas 6% responderam: “Não”, isso devido à falta de conhecimento sobre a importância e contribuição da História na vida em sociedade. Aqui reacende a urgência do Ensino de História antiga com maior destaque para o tempo em sala de aula.



Fonte: Imagem do autor

No gráfico seguinte podemos observar de forma mais direta a relação dos alunos com o conteúdo de História Antiga, em especial, os povos Kush, Axum e Cartago. A pergunta elaborada foi: “Você já ouviu falar dos povos Kush, Axum e Cartago?”. Com um dado impressionante temos 90% do público alvo afirmando que “NÃO”. Uma marca que nos leva a questionar o que aconteceu para os alunos do 6º do Ensino fundamental não fixarem o conhecimento de três reinos africanos, sem entender do que se tratava. Uma perda do Ensino dos povos Kush, Axum e Cartago são irreparáveis, versando desde uma África com reinos grandiosos, fortes e ricos, e que fala da exuberância da cultura africana em uma fase áurea. Ensinar sobre tais povos é propiciar aos alunos o entendimento que eles pertencem a um povo guerreiro, economicamente forte. É ensinar as crianças que elas podem conquistar o que quiserem, que a cor delas é a mesma dos faraós núbios, ou das Candaces. Silenciar essa História desde o livro didático Teláres (2018), com conteúdo mínimos, é mostrar que estamos repetindo a História Clássica cujo homem branco europeu é o modelo ideal de civilização. Circe Bittencourt (2018, p.136) chama a atenção para o Brasil em sua fase de modernização em que foi difundida a noção de um “país do futuro”, com enfoque no progresso e futuro. Nesta linha de pensamento a autora esboça o imaginário que pairava sobre o Brasil: " nessa perspectiva era

fundamental que as novas gerações incorporassem o sentido da predestinação do povo europeu, da raça branca cristã, originária da Grécia e de Roma, determinante nos rumos de todos os povos” (p.136). Neste projeto idealizador, o negro não tem espaço ou voz, sendo assim o Ensino de História dos povos Kush, Axum e Cartago dão um passo diferente na construção de uma sociedade democrática.



Fonte: Imagem do autor

Em seguida podemos refletir acerca das respostas dos alunos quando indagados sobre: “Você faz uso do seu livro didático?” Com tal questionamento entendemos que será possível comparar por meio das respostas a relação entre o livro didático com os conteúdos de Kush, Axum e Cartago.

Em primeira instância com uma resposta unânime 86% dos estudantes afirmaram que fazem uso do livro didático, ou seja, utilizam o livro como material recorrente nas aulas para auxílio de suas respectivas aprendizagens. Levando em consideração tal índice, e em comparação com a porcentagem do gráfico anterior, “Você já ouviu falar dos povos Kush, Axum e Cartago?”, obtivemos 90% do mesmo público alvo afirmando que “NÃO”. Se conclui que há uma semelhança quantitativa nas altas porcentagens com diferença de 4%, refletindo que o público faz uso do livro e segue a padronização de aprendizagem que não dá destaque ao

conteúdo analisado. O professor de História ao recorrer a tal recurso repete possivelmente os destaques que o livro aborda. Tal cenário se reproduz nas respostas dos alunos que fazem uso do livro didático, mas não conhecem Kush, Axum e Cartago.

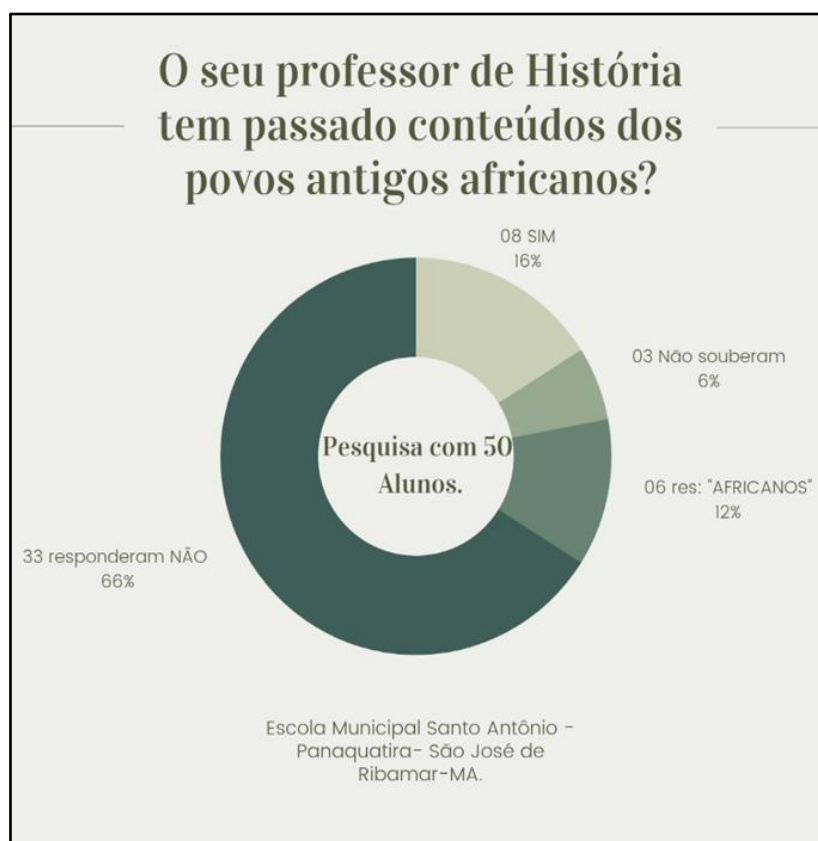
Em destaque para a mesma questão temos, com 6%, os alunos que “Não souberam responder”, tal índice em números reais do público alvo de 50 alunos corresponde a 3 alunos. E com 6% também temos aqueles que “que faz uso esporadicamente”, e 1% que responderam “Não”. Nesta situação podemos verificar que este público são alunos com baixo rendimento escolar, nas questões anteriores eles apareceram em índices como “8% dos que não atribuem importância a disciplina de História”, “16% responderam “Nada”, “10% dos alunos que não souberam responder” e 4% “Não souberam responder”. Esta camada de estudantes necessita de um contato mais incisivo com o Ensino de História da África Antiga, a saber os povos Kush, Axum e Cartago, para ampliar sua percepção de mundo e auxiliar na formação do sujeito social.

No contexto da educação brasileira nem todas as escolas dispõem de recursos para ofertar ao professor um bom material metodológico, seja com auxílio de internet, ou mesmo biblioteca. A escola Municipal Santo Antônio não disponibiliza internet aos alunos, ou mesmo contam com um espaço adequado para pesquisas e leituras, são realidades que contribuem para o professor de História ter dependência do livro didático, por ser um material comum a todos os estudantes. Esse contexto vai além do 6º ano do ensino fundamental e se articula com as demais séries do ensino fundamental maior.



Fonte: Fonte do autor

Por último em destaque a questão “O seu professor tem passado conteúdo dos povos antigos africanos?”. Como resultado 66% responderam “Não”, deixando claro que num possível cenário em que o professor ministrou tais aulas, mesmos assim, se constata que os alunos do 6º do ensino fundamental não consolidaram o conhecimento. O que se traduz numa perda aos alunos, pois nas séries seguintes devido ao currículo escolares tais alunos não terão oportunidade de rever todo esse conteúdo que deveriam ter aprendido na série habitual, ou seja o 6º ano.



Fonte: Fonte do autor

Com um índice de 12% os alunos que afirmaram que o professor ministrou conteúdo da África Antiga, o que podemos inferir que não corresponde aos povos de Kush, Axum e Cartago, pois em um dos gráficos acima os alunos, com índice de 90%, responderam não conhecer os povos Kush, Axum e Cartago, sendo que somente 3% afirmaram que sim. Portanto, temos uma grande probabilidade de que esses alunos vão sair do 6º ano com tal déficit de conteúdo. Com 12% alunos responderam “africanos” de maneira generalizante, como se demonstrassem que não ter conhecimentos da história dos reinos africanos.

CONCLUSÃO

O Ensino de História é de suma importância para o Homem, no entanto tal valor se agrega ainda mais quando nos referimos ao processo de ensino das crianças e jovens do Ensino Fundamental. A História deve fazer parte da formação do cidadão brasileiro em especial afrodescendente, este por sua vez dotado de saberes históricos não somente do presente, mas também de outros povos e culturas lhe possibilitará chegar em lugares que outrora só eram ocupados por cidadãos cuja referência estava alinhado a cor da pele, a linhagem da família ou mesmo a estabilidade econômica.

Ademais ensinar as crianças do 6º ano através dos povos de Kush, Axum e Cartago é fazê-las entenderem desde o início do Ensino Fundamental etapas finais que a História antiga faz parte do presente, está diretamente ligada a nós como sujeitos sociais, serve também para refletirmos nossas ações no presente dado aos conhecimentos e ações que outros povos praticaram. Ao chamarmos a atenção dos alunos a conhecerem os povos antigos estamos contribuindo com a formação da identidade destes alunos, a assumirem suas etnicidades sem vergonha do passado, mas conhecendo um passado histórico enaltecido e de grandes conquistas.

Sendo assim é notório que o processo de formação do cidadão se inicia também em sala de aulas com os saberes que lhe são direcionados e com os subsídios que tais alunos se apoiam, a saber na maioria das escolas brasileiras fazem uso do livro didático, portanto podemos perceber a íntima relação entre os saberes adquiridos pelos alunos do 6º ano do Ensino Fundamental e suas percepções históricas. É de utilidade pública que os livros didáticos abordem os conteúdos referente a África com maior destaque e uma quantidade de conteúdo maior e mais completa, para que os alunos ao consultarem o manual pedagógico vislumbrem uma atualização nos conteúdos, que não são apenas resumos e conteúdos mínimos, mas que propicie aos alunos do Ensino fundamental um material consolidado em tratar da historicidade dos diferentes povos na mesma medida e importância.

Portanto, entender a História dos povos Antigos faz parte da compreensão da nossa História Contemporânea e ainda mais para entendermos a sociedade do qual participamos. O percurso de valorização deste ensino ainda é um processo recente, com desafios a serem superados, contudo a efervescência da importância e do impacto deste ensino de História antiga acompanhado da luta tanto acadêmica quanto dos movimentos sociais tem dado frutos positivos como a implantação da lei 10. 639/2003 que pontua para a obrigatoriedade do Ensino de História voltado para a etnicidade dos povos africanos. E também a iniciativas educacionais como

cadernos afirmativos voltado para o ensino da população negra, e autores que criam um material didático que aborda uma literatura com referência africana de forma lúdica, o universo cinematográfico de Hollywood que recentemente lançou o clássico “A pequena sereia (2023)” com a atriz protagonista negra Halle Bailey, ou a série da Netflix Bridgerton (2020/2022) ambientada em Londres traz como um de seus atores principais na primeira temporada um homem negro e na segunda temporada uma mulher negra em papel de protagonista, dentre outras referências na trama. E também o filme “A mulher Rei (2022)” estrelado por Viola Davis que retrata uma mulher no comando de um poderoso exército. São acontecimentos que somam na vida dos negros, principalmente das crianças negras que se veem representadas e valorizadas. O ensino de História somada a outras ações que estão ocorrendo no presente século XXI é um esforço de reparar minimamente os prejuízos sofridos por décadas. .

No que diz respeito aos resultados da pesquisa de Monografia podemos destacar que os alunos do sexto ano, anos finais do ensino fundamental da escola municipal Santo Antônio não apresentam conhecimento sobre os Reinos de Kush, Axum e Cartago, o que reflete uma grande perda na formação escolar e mesmo cidadã. Dos resultados analisados podemos destacar que os alunos desconhecem tais reinos africanos e tem visões pejorativas sobre o continente africanos, tais como “fome, pobreza, preconceitos, escravidão”, demonstrando assim que necessita de um ensino comprometido com a História da África antiga. Os alunos precisam se conectar a África a partir de suas realidades e vivências, no entanto, por serem crianças sua compreensão necessita está atrelada a uma África que lhes dê motivos de orgulho, para assim assumirem suas respectivas identidades.

Outro ponto a ser destacado corresponde ao uso do livro didático em que 86% dos alunos fazem uso deste apoio pedagógico, porém o material didático Telares (2018) não aborda a África em sua multiplicidade e volume necessários. Foi constatado que em apenas em 2 laudas e meia a abordagem dos três reinos africanos, o que evidencia apenas um resumo generalizante dos povos Kush, Axum e Cartago. Paralelo a essa realidade, 90% dos alunos destacaram não conhecer os estes povos africanos, reflexo também do conteúdo abordado no livro, logo é fundamental que haja um comprometimento maior com o Ensino de História da África Antiga, tal conteúdo é de suma importância para o início da formação dos estudantes que nas séries seguintes se depararão com conteúdos referente a escravidão sem mesmo serem anteriormente ensinados os saberes concernentes a África antes da Colonização.

Por fim, há também uma urgência de pôr em prática o Ensino de História Antiga dos povos africanos, fazer conhecer a imponente e grandeza destas grandes sociedades que em seu tempo foram referências de riqueza, cultura e modo de vida. Trabalhar em sala de aula com a

perspectiva de empoderamento dos sujeitos é um movimento de devolver a historicidade africana que não foi comum a geração passada do sexto ano, sendo uma contribuição para a mudança de perspectiva da sociedade, partindo da compreensão que somos sujeitos partícipes da mesma sociedade, fruto das contribuições e legados de diferentes povos e culturas. A necessidade de se conhecer o passado para melhor entender e agir no presente, pode ser reforçada a partir do tema da redação do Enem 2022 “Desafios para a valorização de comunidade e povos tradicionais do Brasil”, ou seja, o tema da redação exigia do aluno um conhecimento e historicidade dos povos africanos, indígenas, povos ribeirinhos, etc., no entanto, no percurso de formação da maioria dos alunos a historicidade e valorização da cultura negra e afrodescendente não aparece em destaque no currículo escolar realidade que deve ser transformada.

Em síntese como opção de intervenção a tal problemática sugiro a formação continuada e específica de professores que atuem na temática da História e Cultura afro-brasileira e africana, ofertada principalmente na rede municipal, que é responsável pela escolaridade do ensino fundamental, com subsídios e condições que tornem atrativo e viável ser um professor referência no ensino dos povos africanos, tal ação gradativamente irá contribuir para formar nos alunos uma nova perspectiva e criticidade para então continuarmos a avançar nas crescentes transformações a favor de um ensino plural democrático e multiétnico.

Referências

ABUD, Katia Maria. Processos de construção do saber histórico escolar. **História & Ensino**, Londrina, 2005.

ABUD, Katia Maria. Propostas para o Ensino de História: A construção de um saber escolar, **Fronteiras: Revista de História**, 2016.

BARNABÉ, Luís Ernesto. História Antiga e livros didáticos no século XXI: Inovações e permanências. **Alétheia** Revista de Estudos sobre Antiguidade e Medievo. RS, 2014. 9/2 V. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/aletheia/article/view/6641/5214>

BITTENCOURT, Circe. **Ensino de História: Fundamentos e Métodos**. São Paulo: Cortez, 2008.

BITTENCOURT, Circe Fernandes. **Ensino de Humanidades**. São Paulo, 2018.

BORGES, Elisabeth Maria de Fátima. A Inclusão da História e da Cultura Afro brasileira e Indígena nos Currículos da Educação Básica. **Revista Mestrado em História**, v. 12, n. 1, jan./jun. Vassouras: 2010. Disponível em: http://www.uss.br/pages/revistas/revistaMestradoHistoria/v12n12010/pdf/05A_Inclusaodahistoriaculturaafro.pdf. Acesso em: 29 abr. 2022.

BRASIL, **Base Nacional Comum Curricular - BNCC**. MINISTERIO DA EDUCAÇÃO Rossieli Soares da Silva secretaria executiva Henrique Santori de Almeida Prado Secretaria de Educação Básica Katia Cristina Stocco Smole Conselho Nacional de Educação Paerceria Conselho Nacional de Secretários de Educação - CONSED, União Nacional dos Dirigentes Municipais de Educação - UNDIME, 2018.

BRASIL, Governo do Paraná. Secretaria de Estado da Educação. Cadernos temáticos: **História e Cultura Afro-brasileira e Africana**: educando para as relações étnico-raciais. Curitiba: SEED-PR, 2006.

CUNHA. Sonia Ortiz da. GONÇALVES. José Henrique Rollo. **Cuxe: O resgate Histórico de um antigo reino Núbio**, 2008.

HOUSTON, Drusilla Dunjee. **Grandiosos Etíopes do antigo império Cuxita**. Tradução de: Kahotep Shemsa. São Paulo: Editora Ananse, 2021.

LIMA, Elizabeth Gonzaga de. **Literatura Afro-brasileira** / Elizabeth Gonzaga de Lima. – Brasília: Ministério da Educação. Secretária de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade; Salvador: Centro de Estudos Afro Orientais, 2011.

MACEDO, José Rivair. **História da África**. São Paulo, Editora Contexto. 2014.

Ministério da Educação. Diretrizes Curriculares Nacionais para a **Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-brasileira e Africana**. Brasília: outubro de 2005.

OLIVA. Anderson. **Uma história esquecida: A abordagem da África Antiga nos manuais**

escolares de História: estudos de caso no Brasil e em Portugal (1990-2005): Brasília, 2008.
SILVA, Alberto da Costa e. **A enxada e a lança:** a África antes dos portugueses. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2011.

SILVA, Marcos, Fonseca, Selva. **Ensinar e aprender História no século XXI:** em busca do tempo perdido. Campinas: Páris, 2007.

SOUZA, Marina de Mello e. **África e Brasil Africano.** São Paulo: Ática, 2008. UNESCO. **História geral da África antiga.** 2. ed. Ver. - Brasília: Unesco, 2010. VICENTINO, Cláudio, José Bruno: **Teláris História**, 6º ano: ensino fundamental, anos finais.
- - 1. ed. - - São Paulo: Ática, 2018.

UNESCO. História geral da África. 2. ed. Ver. - Brasília: Unesco, 2010.

VICENTINO, Cláudio, José Bruno: **Teláris História**, 6º ano: ensino fundamental, - - 1. ed. - - São Paulo: Ática, 2018.